

# 22

Página

FGV EAESP  
CENTRO DE ESTUDOS  
EM SUSTENTABILIDADE

NÚMERO 97 | JUL / AGO 2015



**Diversidade**  
A intolerância aos cultos animistas

**Leandro Karnal**  
As religiões estão em momento de alta

**Filosofia**  
Crise ambiental pede uma nova ética

## ESPIRITUALIDADE

Em defesa da vida na Terra,  
ciência e fé se reaproximam

CONFERÊNCIA ETHOS

# 360°

A CONFERÊNCIA ETHOS 360° VAI DESAFIAR SUA VISÃO SOBRE NEGÓCIOS.

O estilo de liderança e a escalada dos negócios sustentáveis no cenário corporativo e econômico atual apontam novas oportunidades para as empresas superarem seus resultados. Prepare-se para a inovação em um ambiente de networking e troca de conhecimento entre grandes líderes.

VIVA ESSA EXPERIÊNCIA!

22  
Página

22 e 23 de setembro | Golden Hall - WTC | São Paulo - SP

(55 11) 3897.2400 | atendimento@ethos.org.br | www.ce2015.org

EDITORIAL 

## Clima de união

O histórico posicionamento do Vaticano, por intermédio do papa Francisco e sua encíclica *Louvado Sejas* representa mais que a preocupação com esta casa chamada Terra e as formas de vida que nela habitam. Simboliza, também, a necessidade de unir as mais diversas crenças, ideias, pensamentos e posições em torno de uma causa comum.

A dimensão da crise ambiental e climática – que se soma à vertente social já abordada muitas vezes pela Igreja, sobretudo pelas suas alas mais progressistas – é tamanha que exige a superação de diferenças. Há, portanto, um espaço de intersecção e permeabilidade entre ateus e fiéis, seja com embasamento na razão, seja na espiritualidade. Mesmo porque há indícios de um maior respeito, por parte da ciência, a visões que englobam o conceito do sagrado, após séculos de cisão promovida pela Idade Moderna.

### PÁGINA22 BIMESTRAL

Nos tempos de hoje, em que operamos cada vez mais em rede, há menos lugar para verdades absolutas, fechadas em si mesmas. E é usando este gancho da rede que gostaríamos de anunciar ao leitor uma novidade. A revista passará a explorar mais o universo digital a partir de agosto. Além de reformularmos o site, lançaremos um novo produto eletrônico que será publicado de modo intercalado com a edição impressa de PÁGINA22. Assim, a revista impressa passa, já nesta edição, a circular com periodicidade bimestral.

Não por acaso, estreia nesta edição uma série de artigos produzida pelo Farol Jornalismo, um observatório da imprensa dedicado a perscrutar as inovações e revoluções por que passa a comunicação nesta nova era digital.

Boa leitura!

22  
Página

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS  
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
DIRETOR Luiz Artur Brito

FGV EAESP  
CENTRO DE ESTUDOS  
EM SUSTENTABILIDADE

COORDENADOR Mario Monzoni  
VICE-COORDENADOR Paulo Durval Branco  
COORDENADOR ACADÊMICO Renato J. Orsato

JORNALISTAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini  
EDITORA Amália Safatle

EDIÇÃO DE ARTE Marco Antonio  
www.vendoeditorial.com.br

ILUSTRAÇÕES Flavio Castellán (seções)

EDITOR DE FOTOGRAFIA Bruno Bernardi

REVISOR José Genulino Moura Ribeiro

GESTORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Bruno Toledo, Elaine Carvalho, Fabio F. Storino,

Fábio Rodrigues, Fernanda Macedo,

Magali Cabral, (textos e edição), Monica C. Ribeiro,

Moreno Cruz Osório, Regina Scharf, Rodrigo Siqueira,

Ricardo Abramovay, Sérgio Adeodato, Silvio Fatz

ENSAIO FOTOGRÁFICO Silvio Fatz

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Amália Safatle (MTb 22.790)

### ANUNCIE

COMERCIAL E PUBLICIDADE

Nominal Representações e Publicidade

Mauro Machado

mauro@nominalrp.com.br

(11) 3063.5677

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Itararé, 123 - CEP 01308-030 - São Paulo - SP

(11) 3284-0754 / leitor@pagina22.com.br

www.fgv.br/ces/pagina22

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carla Fonseca Reis, Aron Belinky,

José Eli da Veiga, Leeward Wang,

Mario Monzoni, Natália Garcia, Pedro Telles,

Roberto S. Waack, Rodolfo Gutilla

IMPRESSÃO HRosa Serviços Gráficos e Editora

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.800 exemplares

Os artigos e textos de caráter opinativo assinados por

colaboradores expressam a visão de seus autores, não

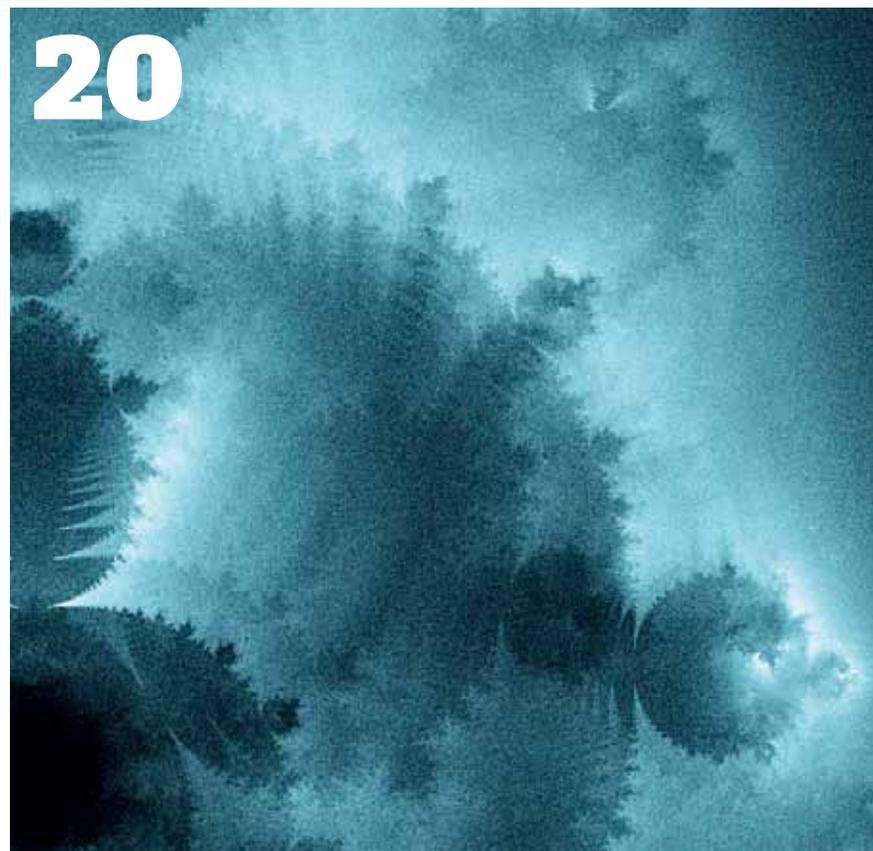
representando, necessariamente, o ponto de vista de

PÁGINA22 e do GVces.



A REVISTA PÁGINA22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC, DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS, AMBIENTAIS, ECONÔMICOS, E DE OUTRAS FONTES CONTROLADAS.

CC creative commons PÁGINA22, NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL, ADETIU À LICENÇA CREATIVE COMMONS. ASSIM, É LIVRE A REPRODUÇÃO DO CONTEÚDO – EXCETO IMAGENS – DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES A PUBLICAÇÃO E O AUTOR.



RODRIGO SIQUEIRA/FRACTARTE.COM.BR

CAPA

## Espaço de intersecção

Como a sustentabilidade contribui para reaproximar ciência e espiritualidade, após séculos de separação

**10 Economia Verde** De Florianópolis à Paraíba, passando pelo Sudeste, o Brasil coleciona exemplos do desenvolvimento de ponta e registra salto no número de parques tecnológicos

**14 Entrevista** Para Leandro Karnal, tanto a espiritualidade como as religiões institucionais estão em um momento de ascensão, exercendo grande influência sobre o imaginário e a vida material. Podem ser usadas, portanto, como instrumento poderoso de conservação ambiental

**30 Filosofia** A crise ambiental que ameaça a vida na Terra e coloca o antropocentrismo em xeque é uma oportunidade para perguntar se teremos uma nova ética – questão que guia os passos da civilização desde o princípio

**42 Diversidade** Historicamente, os cultos animistas foram – e são – perseguidos pelas religiões majoritárias. Ainda assim, resistem e mantêm viva a mensagem de que a natureza precisa ser encarada como algo sagrado

SEÇÕES

FOTO DA CAPA: SILVIO FATZ

5 Notas | 6 Farol | 8 Web | 9 Antena | 34 Análise | 35 Coluna | 36 Retrato | 49 Brasil Adentro | 50 Última

## Caixa de entrada

COMENTÁRIOS DE LEITORES RECEBIDOS POR E-MAIL, REDES SOCIAIS E NO SITE DE PÁGINA22

### INBOX

**(MONOPOLY E FRESCOBOL – ED. 96)**

Percebo que a colaboração é um dos mais desafiadores princípios da sustentabilidade. O ser humano do século XX foi educado para competir. Tenho visto a dificuldade que as pessoas têm para colaborar com o outro, mesmo as mais conscientes de sua interdependência e da necessidade dessa atitude numa vida sustentável. *Susana Simões Leal*

**(FASE DE MATURAÇÃO - ED. 96)**

Excelente artigo. Muito denso de informações. Parabéns. *Claudio Estevam Próspero*

**(EDIÇÃO 96)**

Esta edição da revista está – como sempre, aliás – ótima! *Cristina Rappa*

Revista PÁGINA22, sempre com excelentes matérias. *Keyce Jhones*

Muito boa mesmo, melhor que muitas pagas. *Claudio Souza Pereira*

É a melhor publicação sobre sustentabilidade do Brasil. *Gil Sotero*

### OUTBOX

**ERRATA**

O crédito correto da foto publicada na seção *Economia Verde*, na página 13 da edição 96, é **Diego Sevilla Ruiz**. A versão digital já foi corrigida.



CLAUZEMBERG KLOSS/CREATIVE COMMONS

BIOENERGIA

## Desinvestir em fósseis

A bioenergia poderá prover um quarto da demanda mundial de energia até 2050. Essa é a principal conclusão do relatório *Bioenergy & Sustainability: bridging the gaps*, elaborado em dois anos de trabalho por um grupo de 137 especialistas de 24 países, sob coordenação de cientistas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O documento foi lançado em junho em evento na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Acesse em [goo.gl/yHU3Qm](http://goo.gl/yHU3Qm).

O relatório esquadriha os resultados de mais de 2 mil trabalhos científicos para elaborar um panorama do atual estado da bioenergia e seu potencial de expansão de forma sustentável. E traz recomendações sobre como compatibilizar a produção de energia em massa com os pressupostos de segurança alimentar e ambiental.

Os resultados mostram que a bioenergia é uma alternativa viável não apenas para reduzir a dependência global em relação aos combustíveis fósseis como pode representar importante oportunidade para gerar emprego e renda em comunidades rurais. A América Latina e a África Subsaariana, em especial, podem se beneficiar com a expansão da bioenergia por sua disponibilidade de terras subutilizadas. Nas contas dos cientistas do projeto, se apenas 20% da área agrícola da América Latina e Caribe fosse dedicada à produção de bioenergia, o resultado equivaleria a 11 milhões de barris de petróleo por dia – mais do que os 9,7 milhões de barris produzidos pela Arábia Saudita. – **Fábio Rodrigues**

## Olha isso!

FABIO F. STORINO  
Doutor em Administração  
Pública e Governo

### A mente religiosa

O psicólogo Daniel Kahneman, prêmio Nobel em Economia por seu estudo seminal sobre nosso processo de tomada de decisão, descreve em *Rápido e Devagar: Duas formas de pensar* dois sistemas de pensamento do cérebro humano.

O sistema 1 opera de maneira rápida e intuitiva, exigindo pouco esforço. Já o sistema 2 demanda maior concentração e esforço analítico, sendo, conseqüentemente, mais lento.

Quando dirigimos em uma estrada relativamente vazia, nosso cérebro parece “desligar” da estrada e focar em outras coisas e, quando nos damos conta, chegamos ao nosso destino, às vezes mal lembrando do percurso. Esse é um exemplo de atividade operada pelo sistema 1.

Já dirigindo à noite em um lugar desconhecido, à procura de uma rua e número de casa, muitos precisam abaixar ou desligar o som do carro e interromper a conversa com outros passageiros, tamanha a atenção exigida pela atividade operada pelo sistema 2. A predominância de um sistema sobre o outro também depende do estilo cognitivo de cada pessoa.

Em 2012, estudo publicado na *Science* explorou a relação entre esses sistemas e a religiosidade (ver estudo em [goo.gl/OfNBGZ](http://goo.gl/OfNBGZ)). A primeira parte, mais descritiva, comparou o nível de religiosidade com o sistema de pensamento predominante.

Os resultados eram relativamente esperados: pessoas que privilegiavam a intuição possuíam maior religiosidade do que as mais analíticas.

A segunda parte do estudo explorou uma possível relação causal entre os dois fenômenos (grau de religiosi-

dade e modo de pensar). Utilizando-se de *priming* – um estímulo prévio que afeta a percepção de experiências futuras (ver coluna “O inconsciente no comando”, ed. 64, [goo.gl/NXEQf2](http://goo.gl/NXEQf2)) – constatou que aqueles estimulados por imagens e palavras que ativavam o pensamento analítico demonstraram menor religiosidade do que os que foram estimulados por imagens e palavras mais neutras.

Se, por um lado, o estudo sugere certa fluidez na religiosidade das pessoas, que varia a cada momento e é influenciada pelo ambiente – uma “cura” para o extremismo no horizonte? –, essa e outras pesquisas da área também reforçam a diferença entre estilos cognitivos – indicam até mesmo um componente hereditário.

Ao se buscar influenciar a opinião pública, portanto, seria importante reconhecer essa diferença e personalizar a mensagem para cada grupo (ver coluna “A percepção do outro”, ed. 69, [goo.gl/QoZQgZ](http://goo.gl/QoZQgZ)).

Por isso a importância da encíclica *Louvado Sejas*, publicada em junho: ao apresentar os problemas ecológicos sob uma perspectiva moral, com apelo emocional, o papa consegue alcançar (ao menos parte de) um público para os quais uma montanha de evidências empíricas e argumentos puramente racionais são pouco persuasivos.

Ou, como pontuou o conselheiro de Angela Merkel para assuntos climáticos, John Schellnhuber, durante o anúncio do texto papal: “É uma crise ambiental, obviamente, mas é também uma crise social. Apenas se fé e razão trabalharem em conjunto seremos capazes de superá-la”.



# A informação pelas redes

Como fazer com que o Facebook, Twitter ou outra rede social que funcione como distribuidora de conteúdo assumam sua responsabilidade editorial?

**N**a estreia do Farol Jornalismo em PÁGINA22, gostaria de abordar um dos tópicos mais recorrentes na nossa newsletter neste ano: a relação do jornalismo com Facebook e Twitter. No cenário em que 83% dos brasileiros conectados têm o Facebook como rede social preferida e 67% usam a internet para se informar, é crucial problematizarmos a ascensão dessas novas plataformas de distribuição de notícias. Especialmente depois de dois fatos recentes. Primeiro, o lançamento do Instant Articles, canal que levou para dentro do Facebook conteúdos de veículos como o *New York Times*. Segundo, a saída do CEO do Twitter, Dick Costolo, último sintoma de que a empresa não anda lá muito bem.

Talvez vocês se perguntem sobre a relevância do Twitter, ainda mais no Brasil, onde ele não é popular. Mas posso garantir: a rede social dos 140 caracteres tem grande importância para o jornalismo e, por consequência, para o público leitor.

Enquanto cresce a relevância do Facebook na recepção de conteúdo, o Twitter é sinônimo de *breaking news*. É grande a chance de aparecer primeiro em um tuíte qualquer fato que irrompa no planeta. Isso ficou claro em 2009, quando um avião da US Airways fez um pouso de emergência no Rio Hudson, em Nova York, e o mundo soube do fato pela *timeline* de um americano que cruzava aquelas águas em um *ferryboat*.

Naquele momento, o Twitter demonstrou o potencial de sua função pública. Parcerias com governos e serviços de emergência reforçaram essa característica. Ele transformou as coberturas jornalísticas em tempo real. Não à toa, seu maior grupo verificado é de jornalistas. Esse diferencial foi construído a partir da sua principal característica: posts curtos e ordenados em ordem cronológica inversa, sem a atuação



de algoritmos. Como disse a diretora do Tow Center for Digital Journalism, Emily Bell, o Twitter talvez seja a ferramenta mais útil para jornalistas desde a invenção do telefone. Por isso, o mau desempenho da empresa nos últimos meses representa um alerta para a profissão.

Por outro lado, o Facebook não deveria nos deixar menos atentos. Mas por outro motivo. Ao avançar na batalha pela conquista da atenção com seu NewsFeed baseado em um controverso algoritmo, Mark Zuckerberg e sua equipe adentram em uma área tradicionalmente jornalística. Ao se transformar em fonte de informação, o Facebook vem gerando discussões, principalmente nos Estados Unidos.

Uma dessas polêmicas aconteceu durante as manifestações em Ferguson, Missouri. A pesquisadora Zeynep Tufekci chamou atenção para a sua linha do tempo não ter mostrado o que acontecia na noite em que os protestos se tornaram violentos, enquanto o seu Twitter estava pegando fogo. Por algum

motivo, o algoritmo não achou relevante mostrar um dos assuntos mais importantes nos EUA naquele momento. Se pensarmos que quase 50% dos americanos se informam pelo Facebook, este não pode ignorar seu papel na esfera pública.

A grande questão é fazer com que Facebook, Twitter ou qualquer outra rede social que funcione como distribuidora de conteúdo assumam a responsabilidade editorial que lhes cabe. Ou pelo menos problematizem a questão. Mas não acontece nem uma coisa nem outra. É comum porta-vozes do Facebook argumentarem que a empresa quer apenas oferecer uma "experiência melhor". Ou afirmarem que o algoritmo é resultado do desejo dos usuários.

É exatamente o que um artigo publicado na revista *Science* por pesquisadores ligados à empresa tentou provar. O trabalho, que ficou conhecido como "estudo não é culpa nossa", concluiu que os próprios usuários são os "culpados" por viverem em uma "bolha ideológica".

Não se trata de um cenário de terra arrasada. Mas é preciso atenção às interrogações suscitadas pelas transformações pela quais passa o jornalismo. O que podem significar as dificuldades do Twitter, reconhecidamente uma ferramenta útil para a ação pública e jornalística? Quais serão as consequências do crescente domínio do Facebook, tido por muitos como sinônimo da própria internet, e sua negação em assumir a responsabilidade que o poder de distribuir de notícias acarreta, condição que se consolida após o Instant Articles?

Acompanhar essa discussão não é apenas tarefa do jornalismo, mas de todos os interessados no processo de desenvolvimento da sociedade civil.

Este texto, que inaugura uma seção a ser publicada ao longo deste ano, é resultado de uma parceria entre PÁGINA22 e Farol Jornalismo, com a finalidade de debater cenários e tendências da comunicação na era digital



Oiteiro das Flores - Itabaiana/SE, uma iniciativa do Programa ReDes.

## SUSTENTABILIDADE É UMA ARTE. MAIS DO QUE ADMIRAR, NÓS PRATICAMOS.

Nós, da Votorantim, valorizamos o ser humano e trabalhamos por uma sociedade mais justa e inclusiva. O Programa ReDes, uma parceria entre o Instituto Votorantim e o BNDES, fomenta cadeias produtivas e a qualificação profissional e já transformou a vida de 1.500 famílias de baixa renda; a Parceria Votorantim pela Educação engaja funcionários e comunidade na causa pela melhoria do ensino público; e o Legado das Águas Reserva Votorantim é uma área com 31 mil hectares de Mata Atlântica preservada há mais de 50 anos. Apoiar o desenvolvimento local e a educação e preservar o meio ambiente são princípios inegociáveis para garantir a perenidade dos nossos negócios.

VOTORANTIM. PRODUZIR É UMA ARTE.

O Farol Jornalismo mantém uma newsletter semanal sobre tendências na profissão. Para assinar, acesse [bit.ly/twshfz7](http://bit.ly/twshfz7). Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República ([bit.ly/JFAvjZC](http://bit.ly/JFAvjZC)).



PRATA DA CASA

## Repensando os jeitos de morar

Juntamente com voluntários, a carioca Clarice Rohde levantou uma casa de 24 metros quadrados em duas semanas. Erguida nas dependências da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, esta é primeira WikiHouse da América Latina – modelo construtivo que disponibiliza pela internet plantas arquitetônicas de código aberto (*open source*) concebidas para imóveis a serem montados por qualquer leigo, em um sistema de encaixe de placas de compensado de madeira.

“Vejo isso como uma reverberação do esforço de empoderamento das pessoas, do faça-você-mesmo”, diz o arquiteto Thiago José de Barros, do Estúdio Guanabara, escritório de arquitetura que estuda o barateamento da WikiHouse original (inglesa) para o Brasil. “Aqui, o preço do compensado encarece a proposta”, explica. Clarice, que acaba de se formar, também abraçou sua Wiki e incluiu aspectos sustentáveis.

Esta e outras propostas indicam um re-

pensar das moradias tradicionais, em termos de materiais, tamanho, modelo de negócio: casas minúsculas, contêineres modulares, edifícios com escritórios compartilhados, materiais ecológicos.

Além das novas tecnologias, para o bioarquiteto Francisco Lima, esse repensar tem muito a ver com a questão do consumo exacerbado. “As pessoas vão adquirindo mais consciência do todo e se perguntam: eu realmente preciso disso tudo? Qual é minha real necessidade para ser feliz?”



DIVULGAÇÃO WIKIHOUSE FOUNDATION

Leia a íntegra da reportagem no *Blog da Redação* em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22).

MUNDO AFORA

## 10 lições do baixo carbono

Quebec, a primeira província canadense e a segunda da América do Norte a cobrar imposto pela emissão de carbono, hoje sedia o maior mercado de carbono da região. Para extrair dicas sobre como criar um mercado eficiente e inspirar outros países que precisam reduzir seus gases poluentes, a organização Clean Energy Canadá entrevistou governantes locais, acadêmicos, ONGs e especialistas sobre os diversos aspectos que envolvem a cobrança. O levantamento deu origem ao relatório *Inside North America's Largest Carbon Market*, que lista dez lições sobre a experiência. *Download* disponível em [bit.ly/1QPqfBE](http://bit.ly/1QPqfBE).

## Entende de castanhas?

Que impactos ambientais, sociais e econômicos tem esse alimento tão pequeno e saboroso?



ZENTOLOS/WIKIMEDIA

Nem o Vietnã, maior exportador mundial de castanha de caju, conhece bem a cadeia do produto. Na África, algumas iniciativas vêm melhorando as condições de trabalho nas fábricas que processam o produto. Uma página interativa do jornal *The Guardian* mostra alguns aspectos curiosos das três castanhas mais consumidas no planeta – avelã, castanha de caju e amêndoa – e faz um panorama do que acontece nos maiores países produtores. Acesse em [bit.ly/1CVD7N0](http://bit.ly/1CVD7N0).

### VALE O CLICK

#### AMIGO DA PRAÇA

Iniciativa on-line viabiliza a participação da comunidade na gestão de praças públicas paulistanas. Basta entrar no site [pracas.com.br](http://pracas.com.br) e escolher uma delas para opinar e acompanhar as decisões. Já as empresas interessadas em participar devem acessar [adotepracas.com.br](http://adotepracas.com.br).



METALITHA/WIKIMEDIA

#### COMÉRCIO ILEGAL

Apesar de proibido, ainda é comum na internet o comércio ilegal de produtos derivados de espécies ameaçadas de extinção, como bijuterias de marfim, bolsas de piton etc. Até mesmo nos sites mais criteriosos, como o eBay, são encontrados anúncios do tipo. Saiba mais sobre essa denúncia em [bit.ly/1e6dAgU](http://bit.ly/1e6dAgU).

#### LIVRO SOBRE CAR

O livro *CAR - Cadastro Ambiental Rural: nasce a identidade do imóvel rural*, mostra experiências bem-sucedidas no cadastramento ambiental de produtores e as lições aprendidas no processo. Publicada pela ONG The Nature Conservancy, está acessível em [bit.ly/1MthKdA](http://bit.ly/1MthKdA).

#### NOVA PUBLICAÇÃO

A Fundação SOS Mata Atlântica lançou a revista anual *Conhecimento*. A primeira edição traz matérias divulgadas em 2014 e artigos inéditos. Acesse em [bit.ly/1Gw8XHA](http://bit.ly/1Gw8XHA).



ANDRE DEKFLORF (CREATIVE COMMONS)

## Como valorar serviços ecossistêmicos

Em tempos de crise hídrica, as empresas estão compreendendo o que significa depender de um recurso trivial no nosso dia a dia, mas que está se escasseando: a água. Este exemplo dramático é apenas um dos vários serviços ecossistêmicos dos quais a economia brasileira depende profundamente, mas que até hoje não foram efetivamente traduzidos em linguagem monetária, compreensível para o mercado.

No entanto, valorar esses serviços não é simples. São necessárias ferramentas que consigam tangibilizá-los, para que as empresas se tornem capazes de desenhar processos, produtos e serviços mais eficientes, aproveitando oportunidades associadas a cada serviço ecossistêmico e adquirindo resiliência para suportar vulnerabilidades e riscos.

É nesse contexto que se insere a iniciativa Tendências em Serviços Ecossistêmicos (TeSE), do GVces, que busca desenvolver estratégias e ferramentas destinadas à gestão empresarial de impactos, dependências, riscos e oportunidades. Em maio passado, a TeSE

apresentou uma nova versão das Diretrizes Empresariais para a Valoração Econômica de Serviços Ecossistêmicos (Devese), que sistematiza métodos para valoração de oito serviços – quantidade de água, qualidade da água, assimilação de afluentes, biomassa combustível, regulação do clima global, recreação e turismo, polinização e erosão do solo.

Além da versão 2.0 da Devese, a iniciativa do GVces também apresentou a primeira versão das Diretrizes Empresariais para Relato de Externalidades Ambientais (Derea), um esforço da TeSE para avançar na construção de um sistema de mensuração, relato e verificação de serviços ecossistêmicos.

“As coisas caminham muito rapidamente, e as mensagens que recebemos da natureza acabam acelerando esse processo. Quem sabe podemos ter, no futuro próximo, um sistema de MRV para serviços ecossistêmicos, da mesma forma que temos hoje para o carbono”, diz Mario Monzoni, coordenador-geral do GVces.

Saiba mais sobre essas ferramentas e a TeSE em [goo.gl/4qk9QG](http://goo.gl/4qk9QG).

## Carta ao G7 em prol da descarbonização

No começo de junho, os líderes dos países mais desenvolvidos e industrializados do planeta, o G7, fizeram um anúncio histórico que assinala a “descarbonização” da economia global ainda neste século. A declaração, feita durante a cúpula do grupo, realizada na Alemanha, pode catalisar os entendimentos na construção do novo acordo climático.

O GVces, por meio de seu coordenador-geral Mario Monzoni, foi signatário de uma carta encaminhada ao G7 pela *We Mean Business*, uma coalizão de organizações que atuam com empresas e investidores em prol de uma economia de baixo carbono. Na carta, a coalizão reforçou a importância de esses governos sinalizarem com ações e metas efetivas, ambiciosas e viáveis, de forma a orientar empresas em todo o mundo. Leia a carta na íntegra em [goo.gl/SUO2NE](http://goo.gl/SUO2NE).

### SINTONIZANDO

#### NOVA TURMA DA FIS

Neste segundo semestre será lançada mais uma edição da disciplina eletiva Formação Integrada para Sustentabilidade (FIS), oferecida pelo GVces aos alunos de graduação da FGV-SP. A turma é sempre selecionada a partir de um processo participativo – a cosseleção. Nesse processo, os alunos candidatos vivenciam uma pequena experiência inspirada na FIS. Na nova turma, os candidatos tiveram de refletir sobre um modelo de fundo de apoio a pequenos empreendedores na Zona Leste de São Paulo, desafio inspirado no trabalho do Fundo Zona Leste Sustentável. Saiba mais sobre a cosseleção da FIS em [fgv.br/ces/fis](http://fgv.br/ces/fis).

#### CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Como as empresas responsáveis por grandes obras podem contribuir para a proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes? Em artigo publicado no portal do *Estadão*, a iniciativa Desenvolvimento Local e Grandes Empreendimentos mostra que, ao incorporar a geração de valor compartilhado para lidar com esses direitos nas práticas de gestão, as empresas podem dar um passo adiante, mitigando riscos e sinalizando seu comprometimento e responsabilidade com o desenvolvimento sustentável. Leia o artigo em [goo.gl/QWtaol](http://goo.gl/QWtaol).

## Redutos de inovação

De Florianópolis à Paraíba, passando pelo Sudeste, o País coleciona exemplos do desenvolvimento de ponta. Entre 2000 e 2013, o número de parques tecnológicos em projeto, implantação e operação saltou de 10 para 94

POR SÉRGIO ADEODATO

**F**lorianópolis, a Ilha da Magia, destaca-se no mapa urbano nacional pela qualidade de vida, as belezas naturais e o *glamour* de suas inúmeras praias. Tal condição tem atraído jovens talentos à graduação e pesquisa nas universidades locais, com planos de lá permanecer para crescer na profissão, integrando-se a negócios de ponta, voltados para novas demandas da sociedade. Assim, ao longo das últimas décadas, o *mix* de modernidade, cidade boa para viver e empreendedorismo agregou à fama do lugar um título trabalhado por políticas públicas como indutor de desenvolvimento econômico – o de capital brasileira da inovação.

O diferencial reúne hoje cerca de 600 empresas de tecnologia, responsáveis por um faturamento de R\$ 2 bilhões em 2014, o que representa 20% do Produto Interno Bruto (PIB) do município. O setor já é o principal gerador de ISS, à frente do turismo. “A região encontrou uma vocação promissora, para além do comércio e do serviço público”, ressalta José Eduardo Fiates, diretor-executivo do Sapiens Parque, empreendimento ícone do vigoroso ambiente de inovação em Florianópolis. São 430 hectares entre o verde das montanhas e o mar, no bairro de Canasvieiras, parte norte da Ilha – área cedida pelo governo estadual, que ainda investiu R\$ 32 milhões na infraestrutura e detém 94% do negócio, no formato de → **Sociedade de Propósito Específico**.

O objetivo é atrair empresas inovadoras que queiram adquirir terreno, construir e se fixar na cidade, beneficiando-se do *cluster* tecnológico lá instalado. Até o momento, entre os 50 prédios já contratados, com investimento total de R\$ 500 milhões, nove foram construídos e seis estão em obras, dos quais 70% privados, a maioria do setor de Tecnologia da Informação (TI). “Apesar das circunstâncias da economia, a demanda permanece aquecida, pois neste momento a estratégia é a busca de inovação para garantir competitividade no exterior”, explica Fiates. A meta agora é atrair negócios de *life science* (ciências da vida), como o da *start-up* Neoprospecta, que faz análise de superbactérias e outros microrganismos com base no sequenciamento do DNA em

larga escala. O projeto conta com R\$ 4 milhões do CVentures, fundo de investimento de risco que opera na cidade, com capital total de R\$ 83 milhões.

Em razão do modelo inovador de parceria e da necessidade de licenciamento ambiental em área de equilíbrio ecológico sensível, a construção do parque com todos os atrativos previstos – incluindo centros empresariais, arena cultural e esportiva e até um hotel – caminha mais devagar que o inicialmente esperado. Entre os prédios em operação está o InovaLab, espaço de *coworking* onde funciona uma incubadora de negócios nascentes, alguns voltados para inovação social. A Sábria Experience, por exemplo, tem como especialidade plataformas para gestão de riscos e segurança do trabalho. E integra o Programa MediaX, da Universidade de Stanford, no Vale do Silício, EUA, que desenvolve soluções para o mercado global.

“Há uma sinergia favorável a pequenos negócios inovadores, até porque não há em Florianópolis uma estrutura industrial capaz de reter talentos, e a economia baseada no turismo sazonal é instável”, afirma Marcos Da-Ré, diretor-executivo do Centro de Economia Verde da Fundação Certi, mola propulsora do atual modelo, constituído a partir da década de 1980, quando foi criada a primeira “maternidade” de empresas de base tecnológica na região. Hoje a instituição emprega 400 pessoas e fatura R\$ 60 milhões por ano, com sede na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Lá são desenvolvidos modelos de negócio replicáveis que unem conservação da natureza, inovação, impacto social positivo e geração de valor nas cadeias produtivas. Pesquisadores testam um sistema de produção e comercialização da erva-mate e do pinhão, obtido das árvores de araucária, para fornecimento como matéria-prima de produtos inovadores, destinados a consumidores que aceitam pagar mais caro pela origem sustentável. A conexão tanto com o mercado como com investidores e empresas que desenvolvem novas aplicações é realizada por um *hub* – no caso, uma organização sem fins lucrativos, operada por pesquisadores da UFSC que

➔ **Modelo de organização empresarial constituída com ou sem a participação do Estado para o desenvolvimento de uma atividade específica, podendo adquirir bens móveis ou imóveis**



DIVULGAÇÃO/PARQUE TECNOLÓGICO DA UFSC

passaram por processo de qualificação no campo.

Com apoio da Fundação Grupo Boticário e da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, o modelo aproxima fornecedores e compradores e adota regras para redução de impactos e recuperação dos remanescentes florestais. Até o momento, nove propriedades rurais participantes do projeto forneceram erva-mate à fabricação de bebida energética pela indústria americana Guayakí, a preços 130% superiores em relação aos valores antes pagos aos atravessadores. O pinhão foi fornecido à cervejaria artesanal Insana, do Paraná, demonstrando a viabilidade do uso do recurso da

biodiversidade, com expressivo aumento de floresta conservada.

A experiência da capital catarinense se replica. “O ambiente de inovação cria um extraordinário diferencial de qualidade para a convivência urbana”, avalia Valério Gomes Neto, presidente da Cidade Pedra Branca, um empreendimento imobiliário urbano erguido com atributos de sustentabilidade na antiga fazenda de veraneio da família, hoje um bairro da cidade de Palhoça (SC), na Grande Florianópolis. A Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), lá instalada, deu dinamismo ao lugar. O plano agora é fazer parcerias para ir mais longe.

**Na Ilha do Fundão, no Rio, a diversificação no setor de petróleo e gás é arma para enfrentar crises**



Ícone do movimento de contracultura *manguebeat*, que despontou no Recife, na década de 1990, marcado na música pela mistura de sons regionais ao eletrônico. A tendência disseminou-se na arquitetura e gastronomia, aliando a cultura local a referências contemporâneas

Em apenas quatro anos, no Brasil foram produzidos 72% mais animações do que na década anterior. O mercado global, incluindo games, cresce em média 13% ao ano e deve atingir US\$ 242 bilhões em 2016

Quase metade (41,5%) das empresas está na Região Sudeste. E a maioria atua nos setores de TI, energia e biotecnologia, respectivamente

## RECIFE DIGITAL

A capacidade de determinado território produzir e disseminar conhecimento está diretamente ligada à qualidade de vida e aos padrões da economia. Assim, o apelo urbano marca a proposta do Porto Digital, no Recife, idealizado para dar vida à zona portuária e ao centro histórico da cidade, após a sua restauração arquitetônica. Hoje, 250 instituições e empresas de inovação, com mais de 7 mil colaboradores e faturamento de R\$ 1 bilhão por ano, ocupam 54 mil metros quadrados de galpões e sobrados coloniais. Os empreendimentos dividem espaço com museus, centros culturais, galerias de arte, cinemas, livrarias, restaurantes e importantes monumentos, como a mais antiga sinagoga brasileira, criada durante a dominação holandesa (1630 a 1654).

A efervescência “sociotecnológica” da terra do músico → **Chico Science** (1966-1997) acontece ao lado dos edifícios históricos do Marco Zero, onde a cidade nasceu. A mistura do antigo com o moderno foi decisiva para a requalificação urbana que dinamizou a economia: “Só gastronomia e vida noturna não seriam suficientes para tornar o bairro, antes decadente, mais valorizado e atrativo”, argumenta Francisco Saboya, presidente do Porto Digital, voltado para TI e, mais recentemente, economia criativa. O projeto atual é direcionar a inovação de modo que promova massa crítica e criação, pegando carona na identidade local fortemente ligada à arte, música e cultura. O desenvolvimento de games, *design*, audiovisuais e → **animação** é destaque, até mesmo nas conversas de botequim no *happy hour*, frequentado por um público jovem qualificado.

Assim, pouco a pouco a inovação passa a ocupar o imaginário recifense, ao lado de tradições como o frevo e o maracatu. “Dois terços da renda do polo tecnológico correspondem a serviços exportados para outras regiões do País, com influência positiva na balança comercial do Estado, para além de atividades produtivas clássicas, como a cana-de-açúcar e a fruticultura irrigada”, revela Saboya.

Lá surgiu, por exemplo, o sistema de empréstimo de *bikes* (as “laranjinhas”), hoje disseminado em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro e já exportado para a Argentina como solução de mobilidade urbana. A empresa Serttel, do Recife, idealizadora do modelo, desenvolve tecnologias para gestão de semáforos, talonário de multas e operação de estacionamento público (Zona Azul Eletrônica).

Como laboratório de experimentação urbana, o Porto Digital será agora palco de testes com um

sistema de carro elétrico compartilhado. Ao todo, as empresas do parque pernambucano trabalham com 14 aplicações de *software*, da gestão hospitalar à manutenção de máquinas industriais.

A empresa Joy Street, localizada no coração do Recife Antigo, cria plataformas educacionais “gamificadas”, com investimento de R\$ 2,5 milhões do Criatec – fundo ancorado com recursos do Banco do Nordeste e do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Já a Neurotech aplica inteligência artificial para aumentar a qualidade de cadastros para concessão de crédito, com menor risco para bancos e varejo. O ambiente favorável ao novo atraiu Microsoft e IBM. E também a multinacional de *software* Accenture, a maior empresa lá instalada, que tem plano de contratar mil novos colaboradores até 2017 na cidade. Para 2022, a expectativa do Porto Digital é triplicar o atual capital humano e dobrar a área de imóveis ocupados por empreendedores.

## HABITATS DE INOVAÇÃO

A expansão pernambucana segue a tendência de crescimento desses *habitats* de inovação no Brasil como um todo. Entre 2000 e 2013, o número de parques tecnológicos brasileiros em projeto, implantação e operação aumentou de 10 para 94. Do total, 28 estão hoje em pleno funcionamento, segundo estudo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Nesses espaços, há cerca de → **mil empresas**, geradoras de cerca de 32 mil empregos.

“Tudo começou em meados da década de 1980, com a ideia de aproveitar laboratórios e mão de obra qualificada das universidades para constituir negócios capazes de evitar o êxodo de cérebros e permitir avanços em fronteiras tecnológicas para a competitividade do País no mercado global”, conta Francilene Garcia, presidente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec). Inicialmente, foram criadas “incubadoras de empresas” no ambiente acadêmico. A partir daí, sob o impulso de incentivos governamentais e novos marcos legais, o modelo se sofisticou e tem contribuído para a transferência de conhecimento entre instituições científicas e o setor empresarial. Até 2013, para cada R\$ 1 investido pelo governo federal na implantação e consolidação dos parques tecnológicos, foram capitalizados outros R\$ 4 dos governos estaduais e municipais e da iniciativa privada, de acordo com o MCTI.

A geografia dos parques tem diferentes contornos. Alguns nascem em espaços e prédios do gover-

# Os parques tecnológicos abrigam cerca de mil empresas, geradoras de 32 mil empregos

no, com plano de expansão mediante investimento imobiliário privado. É o caso do Parque Tecnológico de Belo Horizonte (BH-TEC), que ocupa terreno da Universidade Federal de Minas Gerais, cedido às empresas sob regime de concessão, por 30 anos. O primeiro prédio, já em operação, foi construído com recursos públicos. Outros 12 edifícios serão erguidos pela iniciativa privada, a partir de um parceiro imobiliário selecionado por licitação pública. Em 2014, o parque faturou R\$ 104 milhões e lançou 33 novos produtos e serviços.

Na região de Campinas (SP), 20 instituições tecnológicas, públicas e privadas, estabeleceram-se ao longo das décadas como alternativa à saturação da metrópole, São Paulo. Há desde condomínios de inovação, como o GlobalTech, que abriga laboratórios de empresas globais, como a Braskem, até o parque científico da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com 100 mil metros quadrados, onde estão IBM, Samsung, Motorola e Lenovo, entre outras que consideram estratégica a proximidade com *experts* da academia que dominam o conhecimento.

Não raro os polos de inovação influenciam a dinâmica do território, a partir de uma instituição âncora. Em São José dos Campos (SP), a indústria aeroespacial prosperou, tendo o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) como força motriz – modelo que se repete em outros municípios. Vinte e três parques estão em desenvolvimento ou já em operação no estado paulista, como o de Sorocaba, o último criado no País.

Buscar alternativas nem sempre financeiramente tão seguras mas estimulantes faz parte do processo da inovação. A receita envolve coragem para arriscar e inventar. No Cietec Inovação e Empreendedorismo, instalado no campus da Universidade de São Paulo (USP), na capital paulista, há 112 empresas incubadas, em sua maioria *start-ups* criadas por cientistas. Uma delas, a DEV, especializou-se na “internet das coisas” – uma nova fronteira na qual não apenas computadores ou celulares, mas a maioria dos objetos, máquinas e dispositivos

estarão conectados em rede, recebendo e enviando dados instantaneamente, sem fios. “Aplicamos a tecnologia para medir o consumo de energia, inclusive em cada cômodo de uma residência separadamente”, revela o empreendedor Camilo Mendes dos Santos, engenheiro dedicado a pesquisas para aumentar a conectividade dos produtos.

Às vezes, o interesse está em dar suporte à vocação econômica regional, como deverá ocorrer com o empreendimento planejado para Cuiabá, dedicado a inovações no agronegócio. No Parque Tecnológico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, o alvo está na busca de soluções e prestação de serviços no setor de petróleo e gás, em decorrência de demanda da Petrobras. “A diversificação é um dos caminhos para assegurar a sustentabilidade em momentos de crise, tanto da empresa como da economia nacional e da indústria mundial de → **petróleo**”, afirma Maurício Guedes, diretor-executivo do parque.

A chegada da GE e da L’Oréal ilustra o esforço de reduzir tal dependência. Com prédios de arquitetura futurista, o parque consumiu até o momento R\$ 1 bilhão de investimentos. As 18 empresas lá instaladas firmaram 315 contratos com laboratórios e pesquisadores da universidade, no total de R\$ 120 milhões, resultando em dois novos pedidos de patente por ano, em média. “Queremos dar à cidade maior visibilidade para sua vocação científica, que não é percebida pelos próprios cariocas”, completa Guedes.

Em Campina Grande (PB), o Parque Tecnológico da Paraíba teve a função de dinamizar a economia tradicionalmente baseada na caprinocultura, no algodão – dizimado pela praga do bicudo – e no turismo do forró durante as festas juninas. Hoje 90 empresas nas áreas de TI, engenharia e biomateriais para a medicina povoam o bairro do Bodocongó. Assim, o bom astral de quem busca o novo e circula pelas universidades confere ao lugar uma atmosfera empreendedora. Não é à toa que a cidade paraibana oferece uma das melhores qualidades de vida do interior nordestino. **ZZ**

Os primeiros parques tecnológicos foram instalados nas regiões do Vale do Silício e da Rota 128, nos EUA. O principal precursor foi o Stanford Research Park, estabelecido em 1951. Seguindo a experiência americana, o Reino Unido inaugurou o Science Park, em Cambridge. O modelo se espalhou pela Europa na década de 1990. A China embarcou na onda em 1988, com a criação do parque Zhongguancun, em Pequim

O risco torna-se mais preocupante diante de possíveis mudanças das regras para investimento em pesquisa e desenvolvimento, hoje em vigor nos contratos de leilões de petróleo

## O signo **aberto**

POR AMÁLIA SAFATLE E MAGALI CABRAL FOTO BRUNO BERNARDI

**Ele frequenta centros espíritas, candomblés, sinagogas, mesquitas, igrejas católicas e as pentecostais.**

Mas não tem religião. O historiador **Leandro Karnal** acredita que entre as coisas mais definidoras das sociedades humanas está a expressão religiosa, daí seu interesse “estrutural, antigo, histórico, pela questão”, diz nesta entrevista concedida no fim de maio, na Casa do Saber, em São Paulo.

Por ser um signo aberto, em que tudo cabe – pode-se destruir ou salvar vidas em nome de Deus –, a religião, a seu ver, sempre terá mais adeptos que a ciência, pois é pouco mutável. E ainda oferece todas as respostas que o ser humano quer, suprimindo a carência de encontrar sentido onde não tem e preencher o vazio deixado pelo fim das utopias do século XX. Para Karnal, tanto a espiritualidade como as religiões institucionais estão em um momento pendular de ascensão, exercendo grande influência sobre o imaginário e a vida material. Podem ser usadas, portanto, como instrumento poderoso de conservação ambiental.

### **Em que consiste o curso que o senhor dará até julho, “O Sagrado e O Profano”?**

Tenho dado muitos cursos aqui na Casa do Saber para tentar entender que existe uma espiritualidade, uma noção de sagrado e de profano que é muito anterior, muito mais estrutural que a noção de religiões institucionais. As religiões institucionais estão em um excelente momento, tanto em presença midiática como no aspecto financeiro. Parece haver uma tendência de mostrar que estamos em um momento de materialização, mas a espiritualidade é tão fluida, tão líquida e tão adaptadora que neste momento de materialidade existe uma teologia da prosperidade, de busca de espiritualização do material. Então o curso fala disso, de estudar o ser huma-

no a partir da sua pretensão metafísica, ou seja, de que esta vida tem uma realidade além dela, de que existe um plano superior, protetores, Deus, ou seja, as formas que cada um decidir dar a essa questão.

### **E por que o sagrado e o profano? Temos essa dualidade?**

Como brinca o [José] Saramago no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, não existiria Deus sem o Diabo. É fundamental para definir o sagrado a existência ou a possibilidade do profano. As religiões sempre trabalharam com a ideia de um perfeito inimigo de Deus, de um plano oposto, especialmente as religiões monoteístas, como o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.





**Que fio condutor existe entre as várias religiões e qualquer outra manifestação de busca pelo sagrado? Esse fio é a essência? Para algumas é a alma?**

*Grosso modo*, existem duas escolas a esse respeito. A fenomenologia, cujo principal nome é Mircea Eliade, já falecido, é aquela que busca aproximar todas as expressões do sagrado: aproximam o xamã da Sibéria de um pajé tupi e de um sacerdote jesuíta. E existe uma escola histórica, principalmente a romana, para a qual cada expressão é única e até que a palavra “religião” não pode ser usada em todos os casos, já que vem do verbo “religar”, e religar pressupõe que houve uma unidade anterior a ser restaurada, como a queda do homem do Paraíso. E nem todas falam nisso. O grande contraponto a isso é o pensamento budista, que não tem alma, não tem Deus e não trabalha com a ideia de sentido. É difícil falar em religião além dessas três unidades, que concentram a maior parte da humanidade, porque há mais de 2 bilhões de cristãos no mundo, 1,6 bilhão de islâmicos e provavelmente 15 milhões de judeus.

**A espiritualidade pode ocorrer mesmo entre quem é laico?**

O laico não se opõe ao religioso, o laico se opõe ao clerical. Essência é um pensamento típico de uma religião metafísica. Espinosa nos ensina que corpo e alma são apenas uma coisa. Separar perfeitamente corpo e alma e entender que a essência é a alma é uma postura dominante entre certas teologias cristãs. O corpo não pertence a este plano, é uma casca, é um veículo que serviu para sua alma voltar a esse mundo, caso do reencarnacionismo cristão, como o kardecista, ou para existir uma só vez, caso do Catolicismo. Você não necessita de religião institucional para estabelecer espiritualidade. Há muitas pessoas fora desse sistema que estabeleceram densa espiritualidade.

Há mais anticlericais do que ateus. O ateísmo é sempre um fenômeno raro, definido pelos estudiosos como branco, urbano, masculino e bem-sucedido. Entre os ateus, há raras mulheres, pobres, grupos étnicos indígenas e camponeses. Se você depender dessa chuva [aponta para a janela] para salvar um ano de trabalho, sua crença em Deus aumenta. Para você essa chuva significa apenas pegar um guarda-chuva, mas para o camponês pode estragar ou possibilitar um ano de trabalho. Quem depende diretamente da terra tem pouca tendência a manifestar crenças racionais. O feminino, envolvido na criação da vida, raramente é ateu. O masculino

estabelece certa arrogância, ou autonomia ou orgulho para poder exercer domínio ou controle sobre as coisas. E quando eu sou bem-sucedido e tenho um plano de saúde que dá acesso ao [Hospital Albert] Einstein, tendo a confiar mais nele do que nos outros. Mas é um erro considerar que a religião ocupa apenas o espaço da carência, posto que a religião hoje cresce entre classes altas e bem-sucedidas, conforme uma pesquisa recente. A religião está em uma das fases pendulares de crescimento.

**Por que o crescimento é pendular?**

O século XIX foi um dos grandes momentos de crise da religião. Desde o fim do Iluminismo até o século XIX, acreditava-se que o futuro seria sem Deus, com o surgimento das vacinas do Dr. [Edward] Jenner, os métodos químicos pelo Dr. Pasteur, a psicoterapia. Até o século XX, os medicamentos psicoterápicos expulsariam a mediunidade, a possessão e assim por diante. A racionalidade encerraria qualquer esforço religioso. A ideia “Deus está morto” era muito forte no século XIX, por exemplo em Nietzsche. Outro momento de esvaziamento das religiões institucionais é a década de 1960, em que se nega a espiritualidade ocidental e se reforça a oriental – ir para Katmandu, purificar os sons na Índia como fizeram os Beatles, valorizar o Budismo. Ninguém aqui supunha o que estava ocorrendo em Mianmar, que os budistas pudessem ser fundamentalistas e estivessem massacrando islâmicos. Ninguém supunha que a sociedade hindu tem violências estruturais. Quando a religião é do outro, sempre parece melhor.

**Como as religiões podem estar em alta neste momento de crise das instituições?**

Estamos em um momento bem claro de esvaziamento de instituições. A maçonaria, por exemplo, perdeu um número expressivo de membros. Mas as instituições religiosas não vão mal, pegando o caso brasileiro do crescimento das neopentecostais. E um pequeno mas crescente movimento de valorização do islamismo, não apenas por imigração mas por conversão, tenderá a crescer entre as classes baixas brasileiras. O islamismo será um elemento de enfrentamento em breve das neopentecostais.

Na Igreja Católica, voltam as crescer as vocações, os padres que cantam estão em moda e entre os livros mais vendidos estão coisas como *Kairós*, do Padre Marcelo. Movimentos como a Marcha para Jesus, organizada pela Igreja Renascer em São Paulo, crescem bastante. As igrejas pentecostais se organizam politicamente; a Católica sempre se organi-

zou. O espaço que o papa Francisco ocupa na mídia é notável. A eleição do presidente dos Estados Unidos, homem mais poderoso do mundo, não ocupa o mesmo espaço midiático que a eleição de um papa.

E, fora isso, há uma espiritualidade difusa, aliada a um certo esoterismo, de práticas mágicas. Há 50 anos, quase ninguém se vestia de branco no Ano Novo. A influência dos cultos afro-brasileiros e a devoção a Iemanjá ou Oxalá no Ano Novo faz com que o branco se torne uma cor dominante. Hoje o Ano Novo tem códigos esotéricos mais complicados. Você tem de usar uma roupa de baixo vermelha para o amor, uma amarela para o dinheiro, tem de pular as sete ondinhas, guardar sementes de romã. As pessoas estão cada vez mais com amuletos, cresce o mercado de fitas do Bonfim. As pessoas adotam práticas mágicas, não necessariamente religiosas, como Nhoque da Fortuna todo dia 29 e, quando sobem no avião – eu pego avião toda semana –, uma parte expressiva faz o sinal da cruz. Agora, o que existe hoje é uma customização de Deus, cada um cria um Deus à sua imagem e semelhança. Eu faço o meus Deus, eu faço as minhas regras.

**Isso não contradiz a sua afirmação sobre o fortalecimento das religiões institucionais?**

Não, porque as pessoas não veem contradição em serem, por exemplo, católicas apostólicas romanas, declararem isso ao IBGE, e não aceitarem a infalibilidade do papa, a virgindade de Maria e o pecado contido no ato de usar a camisinha.

**O que explica a alta do movimento pendular neste ponto da História?**

Provavelmente o colapso de todo e qualquer sistema de explicação universal no século XX e todas as utopias, como o socialismo. E mesmo o liberalismo mais vitorioso, dessa *Pax Americana* a partir da era Bill Clinton, não é algo que deixe as pessoas satisfeitas. O único sistema explicativo geral, ainda válido, é o religioso. O pensamento teológico é tão forte que as teologias se transformaram. Vou dar três exemplos. A primeira teologia é a da prosperidade: Deus me ama e por isso comprei uma casa própria, é o que povoa as religiões neopentecostais. A segunda, muito forte desde a década de 1930, é a autoajuda: o que eu penso acontece. Isso é o mais fabuloso, porque

só pessoas esquizofrênicas ou crianças em idade pré-operativas, antes de 5 anos, acham que o que pensam acontece. “Não fala de acidente que atrai”. Ou seja, se acham em parte deuses, a palavra tem força, a palavra cria. É uma crença patológica, que em outras épocas levaria à internação, mas hoje é considerada pensamento positivo. E a terceira, que não fala de Deus, mas tem um pensamento teológico total, é o empreendedo-

rismo, a ideia de que, se você tiver energia, será bem-sucedido, o sucesso depende só de você. Há livros sobre esse universo com linguagem totalmente religiosa, “O Paraíso do Empreendedor”, “Os Dez Mandamentos do Empreendedor”.

A religião é mais forte

que o empirismo, que a busca da verificação do real. Poderia haver uma etiqueta *Made in China* no Santo Sudário, que as pessoas continuariam acreditando nele. As pessoas vão a famosos médiuns que fazem operações pelo espaço, como João de Deus em Abadiânia (GO), as pessoas continuam com câncer, morrem e a fé continua. Isso é notável. Isso não é a irracionalidade da religião, mas a sua própria lógica. Este é um dos grandes dramas da ciência. Não posso chegar a um enterro e dizer à mãe que perdeu um filho – tragédia máxima da nossa cultura – que seu filho é constituído de moléculas de carbono e que tudo que é de carbono um dia desaparece, e a senhora também. Eu tenho de dizer: “Seu filho morreu cedo porque Deus chama os bons e ele é um anjo agora, está nos vendo, a senhora vai se reunir com ele em breve e ele está em um lugar em que não sofre”. Isso seca uma lágrima.

**A religião é algo que vem preencher vazios e carências, é só isso?**

Tudo preenche vazios, compra em shopping, kama sutra, sexualidade, religião. Do ponto de vista técnico, a vida não tem sentido algum e a religião é irracional. Mas isso, para mim, é a força da religião, porque a razão é mutante. Veja: o ovo estava proibido há 15 dias. Esta semana ele não dá mais colesterol, está liberado, e isto é ciência. A ciência oscila porque as explicações científicas mudam. Os médicos um dia já prescreveram sanguessugas. Já a religião diz permanentemente a mesma coisa. “Deus te ama, você é precioso, tem uma parte imortal”, esse discurso é muito forte. Não é só isso, é tudo isso.

**Não estaria havendo uma aproximação maior entre ciência e religião?**

Essa oposição perfeita estabelecida pelo Iluminismo que eu pareci demonstrar aqui é antiga. Porque grande parte da ciência de ponta trabalha com coisas um pouco menos objetivas do que possa parecer. É um pouco mais imaginativa. Alain de Botton, ateu militante, autor de *Religião para Ateus*, disse que nós ganharíamos muito se passássemos a usar alguns dos princípios religiosos mesmo sendo ateus. Por exemplo, a humildade do religioso diante do mistério do absoluto e da transcendência, contra a arrogância do cientista que acha que sua razão é o máximo de tudo. Existe muita gente hoje tentando se aproximar. Os religiosos em geral fazem concessões aos dois lados: vão a João de Deus e continuam com a quimioterapia. É muito curioso esse jogo duplo.

**E o papa Francisco fará uma encíclica da mudança do clima [oficialmente publicada em 18 de junho]. Isso é um exemplo de aproximação, já que pelo pensamento estritamente religioso a mudança climática seria algo determinado por Deus?**

O papa Francisco expôs um pensamento contido na obra de vários teólogos e filósofos, inclusive Hans Küng, e também a obra do próprio [Leonardo] Boff, que tem escrito muito sobre o pensamento ecológico. Há um outro tipo de interpretação que foi muito construído em cima da figura de Francisco de Assis. Mas a religião é um signo aberto, ou seja, não é nada. Você pode salvar o planeta em nome de Deus e matá-lo em nome de Deus. Os católicos de esquerda reunidos na Comissão Pastoral da Terra liderada por dom Tomás Balduino criaram o Movimento dos Sem Terra. Sob os preceitos dos capítulos 5, 6 e 7 Mateus do Sermão da Montanha, católicos ultraconservadores criaram a TFP, que é totalmente contrária à invasão de terras. Os dois agem em nome de Deus. Se você entrevistar o chefe islâmico Abu Bakr, ele dirá que quer a paz. Ele só está matando infiéis que atrapalham a obra de Alá e que são uma ofensa a Alá. E Alá o mandou fazer isto.

**Voltando ao papa, as questões da sustentabilidade podem ter influenciado na atitude que tomou?**

Allain de Botton, ateu militante, diz que ganharíamos muito ao usar princípios religiosos

Os jesuítas produziram um pensador no século XX, certamente conhecido do papa Francisco, que é Pierre Teilhard de Chardin, o primeiro grande jesuíta que reuniu Teologia com Biologia. E tentou explicar a evolução dentro de um critério teológico. Teilhard de Chardin não viu qualquer contradição entre Darwin e todos os seus seguidores e o Evangelho. Ele quis mostrar aquilo que em parte hoje a gente chama de um *design* inteligente. A preservação da ecologia já foi tema da Campanha da Fraternidade, há quase 40 anos. A preocupação com a ecologia nas décadas de 70 e 80 nasce aqui no Brasil depois de casos de fetos sem cérebro em Cubatão. São questões ecológicas que vão sendo apropriadas pelo discurso religioso.

**Então existe uma permeabilidade entre questões ambientais e religião?**

Tem, e este papa tenta adaptar a Igreja ao século XXI. Está fazendo discursos muito claros a esse respeito.

**Faz parte de um marketing para ganhar ou não perder adeptos?**

Seria uma leitura possível, ainda que maquiavélica. Acho que são as duas coisas. Ele tem uma convicção real de que é preciso fazer isso.

**Se a religião está em alta, uma mensagem como essa pode influenciar fortemente decisões ambientais?**

Sem sombra de dúvida. Nós estamos em um momento em que a natureza está em alta como discurso e às vezes como prática. Tem mais gente hoje querendo libertar cachorro de laboratório do que presos em prisões. Os temas “Deus”, “cachorros” e “gatos” têm uma popularidade muito grande. Esse é o passo, no fundo, para se pensar um mundo melhor. Está sendo sugerido também porque, com o aquecimento global, tivemos uma consciência inédita de que esta é a primeira geração da espécie humana que pode cometer suicídio global. Essa é uma consciência nova e naturalmente a religião, sendo um signo aberto, também vai passar por isso.

**Outras religiões monoteístas também estão atentas para isso?**

Bastante! No Judaísmo, por exemplo, a maneira de matar não pode causar sofrimento ao animal. Você não pode torcer o pescoço de uma galinha porque isto é pecado para o judeu. Você tem que decepá-la de uma só vez. Você tem que matar um boi pelo código *Kasher* com uma faca sem nenhum defeito e de uma só vez. O código islâmico Halal também. A ritualização da morte, a diminuição da dor dos animais também faz parte do discurso religioso. Os militantes ecologistas são com frequência pessoas com sensibilidade pelo menos espiritual. Mas este é um campo que está dominando bastante as pessoas, gerando uma redefinição do que vem a ser o ser humano. Uma redefinição do nosso antropocentrismo.

Os códigos religiosos dialogam bastante com a natureza, considerando que Deus se revelou às pessoas predominantemente em desertos. Moisés, Abraão, Jesus, Maomé só tiveram contato com a divindade em desertos. O deserto nos coloca direto em comunicação com a natureza. Diante da vastidão da natureza, o homem entra em êxtase. No livro do Castañeda *A Erva do Diabo*, as experiências com os xamãs é uma experiência de deserto.

A experiência religiosa era tradicionalmente individual e diluída na natureza. É debaixo de uma árvore que Buda se ilumina. É numa caverna que Maomé recebe a iluminação do arcanjo Gabriel. É no deserto que Jesus é servido pela primeira vez por anjos após as tentações do demônio. É no Deserto do Sinai que Moisés encontra a sarça ardente, o arbusto que não se consumia. E é no deserto que Deus diz a Abraão que vai fazer a sua descendência mais numerosa que as estrelas do céu e que os grãos de areia. Há religiões radicalmente contrárias à destruição da natureza, caso do Jainismo. O Jainismo não aceita que as pessoas andem à noite porque podem pisar em insetos sem ver. Exige que se usem máscaras cirúrgicas durante o dia para não engolir um mosquito por acidente. O Jainismo radical não aceita que você arranque uma fruta da árvore porque a machuca, tem que esperá-la cair. Agora imagina 7 bilhões de pessoas no mundo esperando uma fruta.

**Não teríamos chegado a 7 bilhões de pessoas no mundo...**

É verdade (*risos*)! Teria resolvido um outro problema. Às vezes, por eu ser um cético, pode parecer que eu estou diminuindo a religião, mas apostaria muito no cavalo religioso e pouco no cavalo racional. O cavalo racional sempre será minoritário. É difícil existir em um mundo sem sentido, em que tudo se encerra com a morte. Como amamos as pessoas,

adoraríamos a ideia de que vamos reencontrá-las. Ou de que você terá uma segunda chance e poderá refazer tudo com mais experiência.

**A seu ver, é só uma ilusão?**

Se você chamar de ilusão como um mal, sim! Mas a ilusão é parte da expressão humana não é? Sexo sem fantasia é fricção. Então você cria sedução, roupas, lingerie, 50 tons de cinza. Eu preferiria dizer que a religião é simbólica, ilusão parece um engano. Sim, ela é um engano, mas não nos esqueçamos de que cientificamente os placebos funcionam. É o que conta o filme *As Aventuras de Pi*. Temos duas possibilidades: ou essa viagem foi com um francês maluco e violento ou foi com animais em uma ilha mágica. O resultado é o mesmo. Nos dois casos, a minha mãe morre. Qual a melhor história? A que consola mais? Mais que uma ilusão eu penso em um simbolismo muito expressivo para falar de quem nós somos. Do que temos. Do que gostaríamos de ser neste mundo.

**O senhor não acha que temos algo de sagrado, como resultado de milhões de anos de muita força, de muitas energias?**

Absolutamente não. Somos resultado de milhões de forças como uma pedra de basalto, como uma bactéria. Se isso for o sagrado, concordo que somos tão sagrados como as fezes petrificadas de um dinossauro.

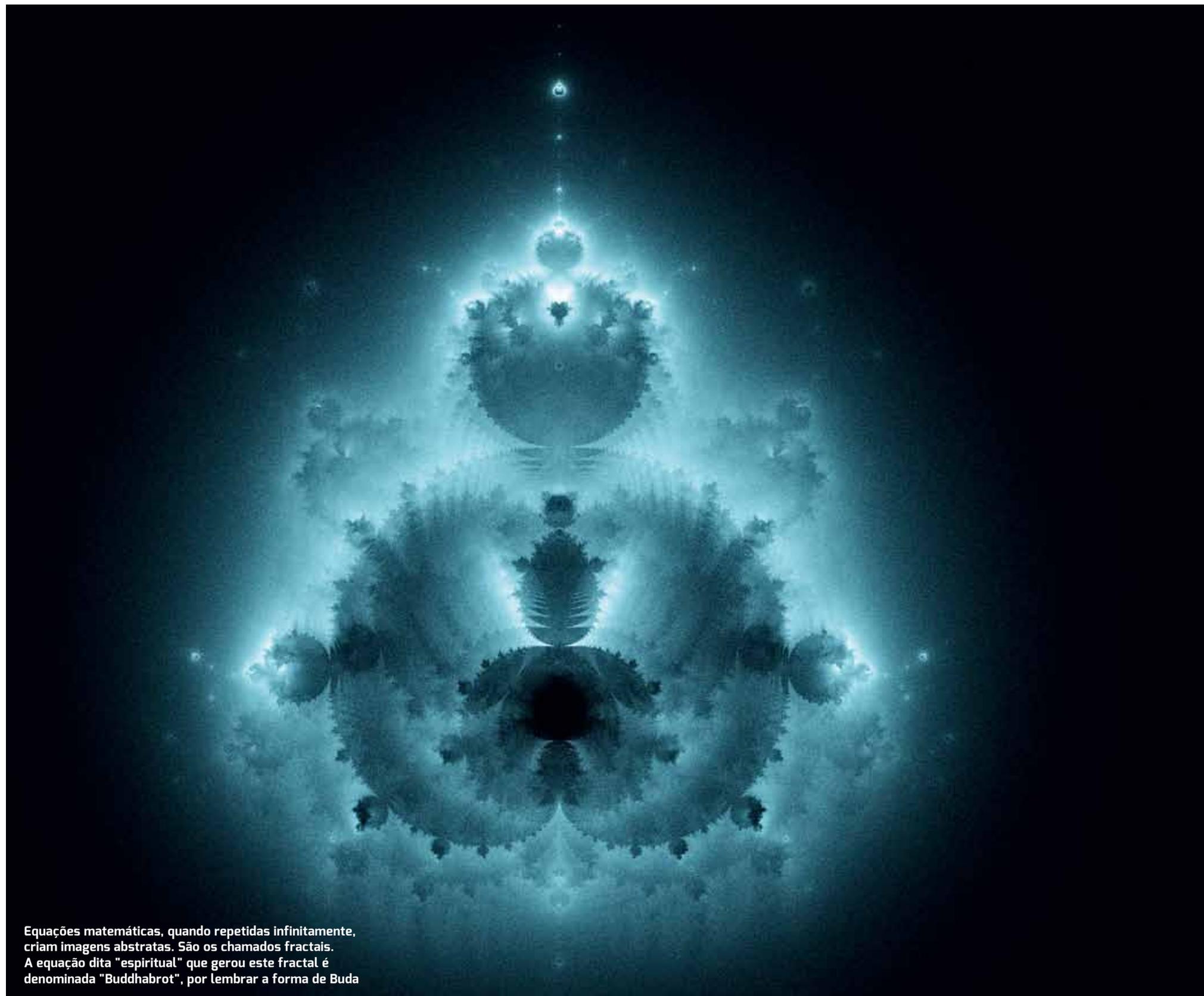
**No seu curso, qual que é a aceção do sagrado?**

O sagrado é um discurso que justifica, ampara, transcende, torna a vida aceitável. É poder ver nesta matéria um sentido.

**Em que momento da evolução o homem passou a precisar de um sentido para viver?**

No momento em que você abstrai e tem um pensamento de causa e efeito, passa a buscar lógica. A religião pode ser vista como uma profunda necessidade de estabelecer lógica. Com isso, a religião acaba sendo, curiosamente, um impulso de base científica. Ela é aquilo que os nossos cientistas mais buscariam. A teoria que explica tudo. Uma médium me disse que eu usei cabelo para seduzir pessoas em outra vida, e agora eu voltei *sem* que é para eu aprender. Isto é fabuloso. [zzz](#)

Leia outros trechos da entrevista na sua versão digital em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22)



Equações matemáticas, quando repetidas infinitamente, criam imagens abstratas. São os chamados fractais. A equação dita "espiritual" que gerou este fractal é denominada "Buddhabrot", por lembrar a forma de Buda

## Encontros e **desencontros**

Como a sustentabilidade contribui para reaproximar ciência e espiritualidade, após séculos de separação

POR MAGALI CABRAL E AMÁLIA SAFATLE  
FOTO RODRIGO SIQUEIRA/FRACTARTE.COM.BR

## A ciência e o misticismo perseguem a mesma

**H**á fronteiras onde a ciência e a espiritualidade esbarram-se uma na outra e coexistem em harmonia. Enquanto a ciência privilegia resultados de equações indizíveis na busca da origem do universo e da vida, a espiritualidade domina o terreno da sensação, do imaginativo, do místico, do esotérico, das religiões. Cientistas de ponta, como Albert Einstein, Max Planck ou David Bohm sempre mantiveram um “pé” na espiritualidade. Do mesmo modo, grandes sábios e líderes espirituais, como o dalai-lama Tenzin Gyatso, o papa Francisco ou Gregor Mendel (1822-1884), nunca fecharam os olhos aos avanços científicos. Apesar do senso comum de que ciência e misticismo não devem fundir-se, a Natureza parece constituir um desses espaços fronteiriços em que é plenamente possível – e até recomendável – a comunhão entre a matemática e a meditação, o quantitativo e o qualitativo, a **matéria densa e a matéria sutil**, o cognitivo e o mental.

Ao apontar os limites ambientais para as emissões de gases-estufa, a partir dos quais haverá um aquecimento da temperatura do planeta acima do suportável para muitas espécies animais e vegetais, os cientistas assumiram um papel de protagonismo no cuidado com a manutenção da vida na Terra.

O sumo pontífice da Igreja Católica engajou-se na causa da sustentabilidade ao lançar em junho a encíclica *Louvado Sejas – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (quadro à página ao lado), tratando de ecologia e mudança climática.

“Ciência e religião não se misturam, mas o tema ambiental é uma exceção na qual todos conseguem dizer a mesma coisa”, afirmou, em entrevista ao jornal *The Seattle Times*, Veerabhadran Ramanathan, cientista climático do **Scripps Institution of Oceanography**, que participou da consultoria ao papa Francisco para a produção da encíclica.

Embora tenha comprovado que o aqueci-

mento global é consequência da ação humana, a ciência, sozinha, não consegue fazer o homem internalizar os riscos físicos e morais de suas ações e mudar o modelo de desenvolvimento a tempo de evitar o pior cenário: um aumento médio da temperatura da Terra acima dos 2 graus. As maiores religiões do mundo – Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo, Budismo e Judaísmo – abraçam juntas 83% da humanidade (ver quadros às páginas 24 a 29) e poderiam ser aliadas importantes nessa corrida contra o calendário. “Se nada fizermos, o aquecimento global poderá nos conduzir a uma catástrofe ecológico-social de proporções apocalípticas”, alerta o teólogo Leonardo Boff. “Vivemos em tempos de Noé, mas desta vez não haverá uma Arca.”

Da união à separação e da separação à reconciliação, vem de longe esse “namoro” entre ciência e espiritualidade. Para explicitá-la, o professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (Eaesp-FGV) Wilson Nobre recorre a uma analogia: a história da civilização não difere muito das fases da vida de um ser humano. Assim como uma criança crê em tudo o que ouve dos seus familiares, a humanidade viveu a sua fase de crenças, em que ignorava outras verdades.

A rebeldia da adolescência vem com René Descartes (1596-1650). Os velhos dogmas religiosos e místicos começam a ser rejeitados e, no Iluminismo, a situação se inverte e o culto à ciência transforma-se também em dogma. “O adolescente precisa negar os pais para tomar posse da sua trajetória”, comenta o professor Wilson Nobre.

Hoje, essa aproximação entre ciência e espiritualidade, seja nas pesquisas, no ensino, nos negócios, seja na sustentabilidade, sugere que a humanidade está em uma fase mais madura de sua existência. Maria F. de Mello, pesquisadora do Centro de Educação Transdisciplinar (Cetrans), lembra que o Massa-

“Aquilo que a humanidade deve a pessoas como Buda, Moisés e Jesus está, para mim, em um plano mais elevado do que as realizações das mentes indagadoras e construtivas”, Albert Einstein

A matéria, densa aos olhos da Física, é constituída de espaços vazios com partículas girando como planetas. Quanto mais se mergulha, mais sutil ela aparece

Instituição da Califórnia, é um dos maiores e mais antigos centros no mundo para a pesquisa de ciências dos oceanos e da Terra

## verdade fundamental acerca da origem da matéria

chusetts Institute of Technology (MIT) comemorou seus 100 anos de existência erguendo uma escultura humana formada por símbolos místicos – quem sabe um sinal de reverência da ciência a outras formas de manifestações humanas. Para ela, um momento de inflexão foi quando cientistas no século XX se deram conta de que a realidade não podia ser lida apenas pela Física Mecânica. “A Física Quântica recuperou a aceitação do não visível, daquilo que não é aparentemente verificável”, diz.

A filósofa americana Renée Weber dedicou sua vida pessoal e acadêmica a buscar uma “reconciliação” entre ciência e misticismo nas relações com a natureza. Começou

estudando Filosofia, mas se decepcionou. No livro *Diálogos com Cientistas e Sábios – A busca da unidade* (Cultrix, 1986), ela explica: “Desde os tempos dos grandes cultores holísticos – Pitágoras e Sócrates, Platão e Spinoza, Hegel e Whitehead –, a Filosofia foi se estreitando. (...) Em sua roupagem moderna, ignora a natureza como um todo, deixando essa tarefa para os cientistas”.

Renée Weber foi em frente. Fez pesquisas e entrevistas com cientistas, sábios e religiosos ao redor do mundo. Na Física, encontrou uma ciência mais integrada à natureza, mas ainda assim muito debruçada sobre fragmentos, para o seu gosto. Sem um olhar

“As estrelas sempre foram caras ao coração das crianças e dos poetas... A astrofísica explica que nossos átomos foram carregados pelo ventre das estrelas. O elo entre as estrelas e o homem é genético, material e histórico.” Michel Cassé, astrofísico francês

### MELHOR QUE A ENCOMENDA A encíclica *Louvado Sejas* dá uma “injeção de ânimo” nos movimentos ambientalistas

Ao longo das 200 páginas da encíclica *Louvado Sejas*, o papa Francisco escreveu tudo aquilo – e mais um pouco – que gostariam de ler os cientistas, os ambientalistas e as pessoas minimamente preocupadas com a degradação que está sendo legada para as futuras gerações. Os efeitos práticos das palavras sacras na mudança climática ainda estão incógnitos, mas só a ênfase dada ao tema pelo líder da Igreja Católica, que conta com mais de 1,2 bilhão de seguidores, parece ter sido suficiente para dar uma impulsão no ânimo dos militantes mais pessimistas.

A presidente internacional do WWF e ex-ministra do Meio Ambiente do Equador, Yolanda Kakabadse Navarro, considera a encíclica da maior importância, pois crê que vozes das comunidades cristãs ao redor do mundo poderão se somar aos movimentos ambientalistas. Além disso, o texto aponta para temas da vida cotidiana relacionados à ética do comportamento do indivíduo e da sociedade. “O papa Francisco recuperou a credibilidade da liderança do Vaticano ao tratar de uma agenda importante para o cotidiano de muitos seres humanos ameaçados pela mudança climática e outros que já estão sofrendo com secas e inundações”, afirma.

Kakabadse lembra que o Vaticano é membro das Nações Unidas e há mais de uma década a hierarquia da Igreja Católica participa dos fóruns mundiais de mudança climática como parte ativa nas discussões. Há também a Aliança das Religiões e Conservação (ARC), criada nos anos 1980, da qual o WWF é associado. Líderes das principais religiões do mundo realizam um trabalho integrado na busca de soluções de sustentabilidade. “Outras fés também têm interesse em contribuir. Não importa se são católicos, protestantes, muçulmanos, mas que estejam unidos na ética do comportamento, na preocupação com os mais fracos e pobres, na responsabilidade com a humanidade.”

# O País possui uma das místicas mais ecológicas do mundo, que são os cultos afro-brasileiros

**Bioquímico, filósofo e fundador da Université du Symbole**

integral para as coisas. “Descobri, anos depois, que o misticismo se aproxima mais de tudo por ser mais abstrato e também mais penetrante, e obcecado pela simplicidade”, relata. E resume que ambos, ciência e misticismo, a rigor, perseguem a mesma verdade fundamental acerca da origem da matéria, com a diferença de que a ciência precisa explicá-la e o misticismo quer apenas experimentá-la.

Esse olhar mais integral está na reflexão que o Cetrans propôs em seu sétimo encontro de membros, que teve como mote “O símbolo e o sagrado” e se baseou no pensamento de **Luc Bigé**: “Vivemos hoje num mundo onde os valores materiais e as mudanças econômicas preenchem toda a paisagem da consciência. Entretanto, a natureza é ao mesmo tempo objetiva, relacional, saturada de sentido e em perpétua metamorfose. A supervalorização da objetividade deixa as outras facetas da natureza humana, como a ecológica, a política e a psíquica, muito desequilibradas. O ‘reencantamento do mundo’ procura reintegrar essas outras facetas nas experiências humanas”.

Entre os cientistas contemporâneos que dão importância a exercícios para além da

objetividade científica estão Otto Scharmer e Peter Senge, do MIT. Em 2004 eles lançaram, no campo da sustentabilidade, a Teoria U, cuja base tem inspiração em práticas budistas e hinduístas de meditação. Anos antes, Peter Senge lançara com grande sucesso *A Quinta Disciplina* (Best Seller, 1990), teoria que sugere a visão sistêmica em todos os aspectos da vida, dos negócios, da natureza. O livro virou uma espécie de bíblia para os administradores de empresas.

No entanto, apesar de a teoria ter sido posta em prática por milhares de empresas de todo o mundo que buscavam reduzir seus impactos negativos, os resultados práticos foram pouco eficazes. Durante um período de perplexidade e reflexão, Senge encontrou-se com Scharmer e, juntos, eles criaram esse novo projeto. Entrevistaram 150 líderes mundiais das áreas econômica, política, corporativa e religiosa para tentar entender o processo que os levou à posição de liderança. Nascia a Teoria U.

O formato da letra U é a representação de uma trajetória integral. Pode ser longa, servindo a um projeto de vida, por exemplo. Ou curta, se estiver relacionada a um projeto de

## O homem como guardião da Terra

**Em boa parte das tradições religiosas a humanidade seria responsável por cuidar da Terra e de todas as outras criaturas vivas para o Criador. O Homo sapiens seria uma espécie privilegiada pela razão, e por isso teria essa predominância sobre as demais criaturas.**

**A crise ambiental levou todos os setores, inclusive as religiões, a ficar alerta. Em 1986, da Basílica de São Francisco de Assis, na Itália, saiu o documento A Declaração de Assis, assinada por representantes do Budismo, Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo e Judaísmo. O encontro dos líderes dos cinco maiores sistemas de crença foi proposto pelo príncipe Philip, duque de Edimburgo, então presidente do WWF International, que nove anos depois fundaria a Aliança das Religiões e Conservação (ARC). A partir daí, a ARC reuniu, além das declarações destas cinco crenças, outras sete.**

**A adaptação dos ensinamentos religiosos para reavaliar a natureza e minimizar sua destruição pôde marcar uma nova fase no pensamento religioso – assim avaliou Thomas Berry, historiador das religiões e “ecoteólogo” americano morto em 2009. Ele considerava necessária uma reavaliação abrangente das relações do ser humano com a Terra se quiséssemos que nossa espécie continuasse viável em um planeta cada vez mais degradado.**

**Isso exigiria a adoção de visões de mundo diferentes das que capturaram a imaginação das sociedades contemporâneas industrializadas, que veem a natureza como um objeto a ser explorado. O desafio é descobrir como as diferentes tradições religiosas podem contribuir para essa discussão. – por Mônica C. Ribeiro**

Saiba mais em [goo.gl/Q47gCD](http://goo.gl/Q47gCD) Mais em [bit.ly/1MXggZG](http://bit.ly/1MXggZG)

## Budismo

**Embora a imagem de Buda sob a árvore da iluminação não tenha sido interpretada tradicionalmente como paradigma para o pensamento ecológico, ambientalistas budistas apontam que o Buda nasceu, alcançou a iluminação e morreu sob árvores.**

**O Budismo defende uma atitude simples e não agressiva para com a natureza. Os conceitos de Karma e Renascimento apontam uma conexão entre todas as formas de vida sencientes. Na visão do monge tailandês Buddhadasa Bhikkhu (1906-1993), o Cosmos inteiro é uma cooperativa. O Sol, a Lua e as estrelas vivem juntos, e o mesmo é verdadeiro para os seres humanos e animais, árvores e a Terra.**

**No mito budista das origens, o organismo humano destrói a ordem natural das coisas, afetando diretamente os processos naturais em razão da sua moralidade. Ao começar a olhar para nós mesmos e a vida que vivemos, podemos vir a reconhecer que a verdadeira solução para a crise ambiental começa em nós mesmos.**

### O BUDISMO NO MUNDO

**Os budistas hoje são aproximadamente meio bilhão de pessoas no mundo (7% da população mundial). Até 2050, deverão ser 5,2%, segundo projeção do Pew Research Center. A justificativa para essa redução são as baixas taxas de fertilidade e envelhecimento de populações em países como China, Japão e Tailândia. (MCR)**

FONTE dos quadros: Pew Research Center. Mais em [goo.gl/BzvXWc](http://goo.gl/BzvXWc)

negócio. Senge e Scharmer compreenderam nas entrevistas que, ao longo de suas jornadas, aqueles líderes tinham em comum um momento de conexão profunda com um estado sensível sempre que estavam em meio a um grande desafio.

Esse momento da trajetória coincide com a parte curva inferior da letra U. “Nessa fase, o projeto ainda não está nem visível nem material”, explica Wilson Nobre, estudioso da Teoria U. “Seria um estado de silêncio e de meditação, de se desligar do passado e deixar que a mente processe tudo o que foi assimilado até ali.” Ao retomar a jornada em direção aos objetivos, a mente estará mais bem preparada não só para criar, mas para inovar.

A dupla de cientistas do MIT criou uma série de ferramentas para dar objetividade à Teoria U, de modo que pudesse ser utilizada por empresas interessadas em sair do padrão *ego-system* – caracterizado pelo sistema egóico do *business as usual* – para o *eco-system*, que prioriza o todo, a sociedade. “Em 300 anos de sistemas egóicos, baseados no princípio do

maximize-me, construímos um patrimônio fantástico, que foi possível enquanto havia apenas 1 bilhão de habitantes. Agora, que somos 7 bilhões, não dá mais”, afirma.

### A NOVA ESCOLA

Com o reforço do sociólogo francês Michel Maffesoli no time de estudiosos da Ecosofia, simpósios sobre o tema têm lotado auditórios em várias cidades europeias. “Na concepção de Maffesoli, a Ecosofia exprime uma nova sensibilidade difusa que não enxerga mais o meio ambiente como o entorno, o externo, o outro”, conta o sociólogo italiano Massimo di Felice, professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Ou seja, há que se ter um olhar transdisciplinar e incluir atores não humanos entre os habitantes da biosfera.

A Ecosofia segue na linha da crise do antropocentrismo, muito discutida nos anos 1990 pelo movimento **Deep Ecology**. Historicamente, segundo o sociólogo italiano, as religiões monoteístas com escrituras, como

“Sem o zero não fazemos o dez ou o cem. Isso também acontece com o vazio: é o vazio e ao mesmo tempo a base de tudo.”  
Dalai-lama

**Filosofia ecológica e ambiental de defesa do valor intrínseco dos seres vivos independentemente de sua utilidade instrumental**

## A religião tem de estar em um lugar de sabedoria.

☒ **Bebida associada a rituais de diferentes grupos e religiões, que também faz parte da medicina tradicional dos povos da Amazônia**

Hebraísmo, Cristianismo e Islamismo, foram as portadoras da cultura antropocêntrica. “O mito da gênese produz uma clara hierarquia entre o homem e a natureza que é, por sua vez, uma reprodução da hierarquia entre Deus e o homem”, interpreta. A Ecosofia atribuem-se atualmente quatro campos: o científico, o emocional, o prático e o espiritual. O objetivo deste último é desenvolver um novo acesso à natureza, através do misticismo natural.

“Ao considerar-se como parte da teia da vida, o homem pode desenvolver uma responsabilidade mais ampla ou menos antropocêntrica e oportunista”, explica. Em sua opinião, os avanços atuais no campo religioso estariam ainda em um contexto de restauração e dogmatismo. Isto é, longe de pretender rupturas expressivas.

Para Di Felice, as divindades politeístas são, estas sim, expressões das forças da natureza. Difundem uma espiritualidade ecológica, expressão de uma conexão forte e di-

nâmica com os elementos naturais. E o Brasil possui algumas das místicas mais ecológicas do mundo, que são os cultos afro-brasileiros. Os orixás habitam os elementos da natureza, as águas, a mata, o fogo, e há também a mística indígena da → **Ayahuasca** e todo tipo de Xamanismo. “O Brasil é um país de fronteira, onde o Ocidente e o não Ocidente se enfrentam: de um lado, uma cultura de produção e de política nacional destruidora; de outro,

as culturas locais. Ou seja, de um lado, o Brasil cristão, católico, evangélico; do outro, o Brasil xamânico, politeísta, candomblecista”, descreve. *(Mais sobre a diversidade religiosa brasileira em reportagem à pág. 42)*

“Para mim, a criação depende, em última análise, de uma realidade não física, ou transfísica, de natureza espiritual”. Rupert Sheldrake, biólogo, bioquímico e escritor britânico

### SACODE A POEIRA

O rabino e escritor Nilton Bonder não vê nos textos bíblicos uma fala de dominação. O antropocentrismo presente nas escrituras era típico de quem está precisando se valorizar. Naquele tempo, não tinha como ser diferente. Uma criança precisa se valorizar e

## Cristianismo

**A cosmologia do Cristianismo mostra o homem como a imagem e semelhança de Deus, confiando-lhe domínio exclusivo sobre todas as outras criaturas. Isso confere certa duplicidade ao ser humano: ao mesmo tempo que tem esse domínio, encontra-se submetido aos desígnios de Deus. É o mesmo dilema moral que aparece em quase todas as religiões monoteístas.**

**Por conta dessa dualidade, a dominação do homem não poderia ser tomada como licença para abusar, esbanjar ou destruir o que foi criado por Deus. Os cristãos acreditam que a recusa do primeiro homem em viver de acordo com os pressupostos divinos trouxe desarmonia em sua relação com Deus e as outras criaturas. Essa rebelião perpetuou-se na História, tomando várias formas de injustiça, dominação e exploração, o que teria tornado praticamente impossível para os homens viver em concórdia entre si e com o resto da criação.**

**Em uma acepção contemporânea – bastante presente no catolicismo do papa Francisco –, a humanidade deveria mostrar responsabilidade por lugares e espécies, ser o “mordomo” da continuidade da vida, cuidar da Terra como criação de Deus, ser responsável pelo bem comum e para as gerações futuras, promover uma visão de consumo de recursos menos predatória.**

### O CRISTIANISMO NO MUNDO

**Hoje os cristãos, em suas diversas correntes, são 2,17 bilhões de pessoas no mundo (31,4% da população mundial). Em 2050, este número deve aumentar para 2,92 bilhões de pessoas, mas a fatia continuará a mesma diante do crescimento das outras manifestações de fé. (MCR)**

## Qualquer coisa escrita há 3 mil anos pede ressalva

### Hinduísmo

**Para o Hinduísmo, todas as vidas têm a mesma importância e desempenham papéis fixos, mas em conjunto. Se algum elo dessa cadeia é perdido, todo o equilíbrio ecológico será perturbado. Todos os tipos de vida – insetos, pássaros e animais em geral – contribuem para a manutenção do equilíbrio ecológico. No entanto, todos os animais desempenham suas funções sem precisar refletir sobre o que estão fazendo. Por isso, a contribuição da humanidade nessa cadeia deveria ser maior.**

**De acordo com a tradição Vaishnava, a evolução da vida neste planeta é simbolizada por encarnações divinas, começando por peixes, passando a anfíbios, animais mamíferos até a encarnação em humanos. Isso conduz a uma reverência pela vida animal, da qual teríamos evoluído.**

**O ambiente natural também tem destaque nas antigas escrituras hindus. Florestas e bosques são considerados sagrados. Assim como animais foram associados com deuses e deusas, plantas e árvores também foram relacionadas ao panteão hindu. O Mahabharata, texto sagrado monumental em tamanho e importância no hinduísmo, diz que, “mesmo se houver apenas uma árvore cheia de flores e frutos em uma aldeia, esse lugar se torna digno de adoração e respeito”.**

**Além dessa reverência às árvores, os rios também são parte integrante da prática religiosa hindu. Apesar da contaminação, a água do Ganges desempenha um papel importante na vida ritual da Índia.**

**Um antigo ditado hindu diz: “A Terra é nossa mãe e todos nós somos seus filhos. A Terra alimenta, abriga e veste. Sem ela não nos é possível sobreviver. Se a humanidade, como filha, não cuidar dela, ela diminuirá sua capacidade de cuidar dos seres humanos”.**

### O HINDUÍSMO NO MUNDO

**Os hindus são hoje 1,03 bilhão de pessoas no mundo (15% da população). Em 2050 as projeções são de que aumentem, em números absolutos, para 1,38 bilhão (14,9%). (MCR)**

desenvolver autoestima para crescer forte e sobreviver. Assim, quando é dito para Adão e Eva: “Crescei e multiplicai-vos”, de acordo com Bonder, é uma fala do passado, de uma época em que, de cada três filhos, dois morriam. “Para se dar bem enquanto espécie, com tantos desafios, o homem tinha de ter muitos filhos mesmo.”

Se fossem escritos hoje, talvez os textos dissessem: “Não vos multiplicai mais”. Na análise do rabino, portanto, a religião tem de estar em um lugar de sabedoria. Qualquer coisa dita há 3 mil anos pede uma ressalva. É o que se faz, por exemplo, quando se estudam tratados sobre psicologia de 100 anos atrás. “Poderão ser obsoletos e conter incorreções grosseiras, ou poderão trazer indicações preciosas do pensamento humano”, pondera Bonder. Tudo é uma questão de tirar a poeira acumulada antes de interpretar.

Com 20 livros publicados, entre os quais *Fronteiras da Inteligência – A sabedoria da espiritualidade* e *A Alma Imoral*, o rabino também crê que há uma larga distância entre aquilo que pregam instituições religiosas e o que verdadeiramente pensam as pessoas que buscam religiosidade.

“Acho que as pessoas que trabalham o lado da espiritualidade são sábias, pois conseguem explorar uma área em que reinam as incertezas. É necessário uma mistura de intuição e experiência para promover luminosidade onde, para a inteligência, tudo é ainda muito escuro”, afirma Bonder. “Essa sabedoria pode estar no Budismo, no Islamismo, no Hinduísmo e em qualquer outra manifestação religiosa, seja a dos índios das Américas, seja a de grupos étnicos da África. Em todos esses lugares há uma produção impressionante de sabedoria.”

# Ao não conseguir aferir teorias, a Física Quântica aproxima-se mais do sagrado que da ciência

## NA PRIMEIRA PESSOA

Sobre mudança climática e sustentabilidade, o pensamento do rabino tem forte ligação com o pensamento budista: esse tipo de transformação precisa do alicerce do autoconhecimento. Bonder afirma que o ser humano tem essa impressão de que existe alguém no comando, controlando o timão que move o mundo. Mas, na realidade, o planeta vai sendo conduzido pelo próprio peso de 7 bilhões de pessoas e seus “zilhões” de interesses e interações. Portanto, quando faz um discurso que coaduna com a questão ambiental, o papa está buscando um empuxo para as instituições se esforçarem para ir na direção que precisam. Mas ninguém tem controle sobre isso. “É meio chocante que a inteligência humana não consiga tomar o timão para desviar desse imenso ‘iceberg’ [aquecimento global] bem à nossa frente.”

Para o Budismo, o ser humano também é uma conjugação de vetores de forças. A inteligência tem o seu lugar, mas existem outros componentes. Dada toda essa complexidade,

a solução para males como a mudança do clima depende, em última instância, do altruísmo do homem. Ou, nas palavras de Gustavo Gitti, que trocou a carreira acadêmica tradicional pelo estudo do Budismo, dependem de amor, empatia e compaixão, sentimentos que predominam entre os que praticam o autoconhecimento através da meditação.

Gitti cita ensinamentos do monge francês Matthieu Ricard, que esteve no Brasil em maio. Sobre a questão ambiental, o monge conversa com economistas (que trabalham com o curto prazo), com profissionais das ciências humanas (que se preocupam com o médio prazo, ou o tempo de duração da vida humana) e com ambientalistas (que enxergam o longo prazo). O que seria capaz de unificar um discurso entre grupos com campos de visão tão diferentes? “Só mesmo o altruísmo faria todos andarem em uma mesma direção”, diz Gitti.

## CIÊNCIA SAGRADA

O altruísmo, o autoconhecimento, a Eco-

## Islamismo

**A essência do ensinamento islâmico é que o universo inteiro é criação de Alá. A humanidade é considerada muito especial, porque foi criada com a razão e o poder de pensar, e até mesmo os meios para se voltar contra seu Criador.**

**Para o Islamismo, o papel da humanidade na Terra é de um “curador” de Deus. A Terra pertence a Deus, e a humanidade foi confiada a sua guarda. Manter a integridade da Terra seria, então, tarefa do homem como guardião do planeta.**

**Maomé, o profeta do Islã, teria declarado: “Quem planta uma árvore e diligentemente cuida dela até que amadureça e produza frutos é recompensado”. A humanidade precisa se posicionar em relação a temas diversos – incluindo os ambientais – e preparar-se para fazer escolhas, pois em outra vida será responsável por aquilo que fizer aqui na Terra.**

**Acima de tudo, para o Islamismo a humanidade deve preservar o equilíbrio. Em virtude de nossa inteligência, o homem deveria ser a única criação de Deus com a responsabilidade global de manter o planeta no equilíbrio ecológico encontrado quando da criação da Terra.**

## O ISLAMISMO NO MUNDO

**Os muçulmanos hoje são aproximadamente 1,6 bilhão de pessoas no mundo (23,2% da população). Em 2050, esse número deverá aumentar para 2,76 bilhões de pessoas (29,7%). Esta é a religião que deverá ter o crescimento mais vertiginoso, atingindo quase o mesmo número de cristãos nas próximas décadas, com possibilidade de ultrapassagem em 2070. (MCR)**

## Judaísmo

**Na atitude clássica judaica, a natureza é consequência direta da crença de que o universo inteiro é o trabalho de Deus, criado para a humanidade. É, portanto, errado desperdiçá-la.**

**A base para toda a ética judaica – ama o teu próximo como a ti mesmo – se aplicaria à proteção do ambiente. Para os judeus, Deus disse que os primeiros seres humanos foram feitos para dominar a Terra e todas as coisas vivas. Mas isso não significaria uma “carta branca” divina para explorar a natureza sem remorsos. Deus situa o homem no jardim e diz a ele para trabalhá-lo e vigiá-lo. Estas seriam as implicações desse domínio. Tal mandamento, de vigiar o jardim, caracterizaria a Terra como propriedade de Deus, não dos homens.**

**A narrativa da criação, que abre a Torá, é bem clara nesse sentido: “Preserve este belo mundo para seus descendentes, porque, se você deixar de fazê-lo, não haverá mais chances para restaurá-lo”.**

**Quando Deus criou o mundo colocou ordem no caos primordial. O Sol, a Lua, as estrelas, as plantas, os animais e, finalmente, o homem foram criados com um lugar legítimo e necessário no Universo. Na tradição cabalística, Adão deu nome a todas as criaturas de Deus, ajudando a definir sua essência. E jurou viver em harmonia com aqueles a quem ele havia nominado. Assim, no início dos tempos, o homem aceitou a responsabilidade, diante de Deus.**

## O JUDAÍSMO NO MUNDO

**Os judeus são hoje em torno de 13,8 milhões de pessoas no mundo (0,2% da população). Haverá um ligeiro crescimento até 2050, passando a 16 milhões – o que em números relativos não muda, pois permanecerá representando 0,2% da população. (MCR)**

sofia, a transdisciplinaridade, a encíclica *Lou-vado Sejas* são os vários caminhos que podem “descoisificar” a natureza, para usar uma expressão da estudiosa em Astrologia Maria Teresa Mendonça de Barros. Formada em Letras e com especialização em psicanálise, ela conta como na Idade Moderna a Astrologia foi apartada da Astronomia e transformada em algo de somenos importância por supostamente não ter como aferir suas teorias zodiacais. “Ora, nenhuma ciência é detentora de todo o saber. A Astrologia trabalha com estatísticas e analogias”, argumenta. E existe desde os sumérios e os babilônios, povos antigos que diziam: ‘Assim como em cima, embaixo’.” Ou seja, viram uma correlação entre movimentos dos corpos celestes e fatos terrenos.

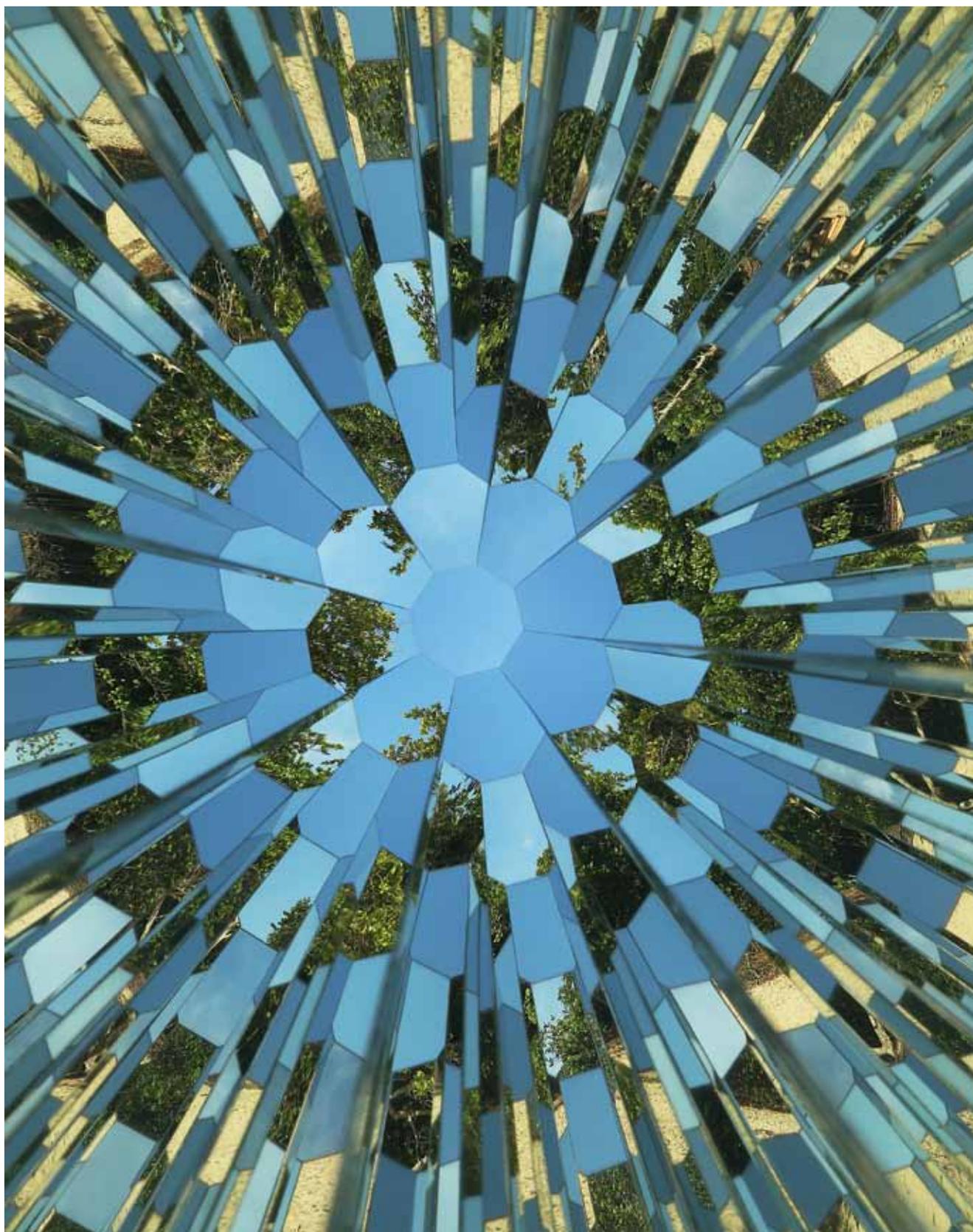
Para Barros, a Física Quântica e a Física Moderna provam hoje do mesmo “veneno” aplicado no passado à Astrologia. Estão mais próximas do sagrado do que da ciência pura ao não conseguirem também aferir teorias nesse mundo das partículas. Construíram uma estrutura gigantesca na Suíça [um anel

*acelerador de partículas*] para tentar provar a existência da partícula de Deus [ou *Bóson de Higgs*] e não conseguiram.

O cientista francês → **Jacques Labeyrie** (1920–2009) seguia essa linha da autocrítica. No capítulo que escreveu para o livro *A Religião dos Saberes*, do sociólogo Edgar Morin, listou uma série de perguntas que a Astrofísica – a ciência que uniu a Terra e o Céu – não sabe responder: se o universo está em expansão, em que vai se transformar? Será que um dia o universo vai deixar de crescer? Se está em expansão, é porque já foi menor, mais condensado e, portanto, mais quente? E Labeyrie arrematou: “Essa bela teoria do Big Bang não merece de fato o qualificativo de teoria, pois se baseia em fenômenos que são, em sua maioria, puramente imaginários... o que mostra bem que a representação do Cosmos, como em épocas anteriores, compreende ainda hoje uma enorme parcela de sonho”. <sup>122</sup>

Leia a íntegra das entrevistas com Massimo di Felice e com Leonardo Boff na versão digital desta reportagem em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22)

Foi diretor da Agência de Meio Ambiente e de Gestão de Energia da França



# Teremos uma **nova ética?**

A crise ambiental é uma oportunidade para reforçar essa questão, que guia os passos da civilização desde o princípio

POR SÉRGIO ADEODATO FOTO SILVIO FATZ

Quem sou, de onde vim, para onde vou são três grandes questões que marcam a existência humana desde os primórdios. Não é de hoje que a Filosofia, em suas mais variadas correntes de pensamento, se debruça sobre “identidade”, “origem” e “destino” como temas cruciais de reflexão, traduzidos no modo de agir ao longo da história das civilizações.

A esse tripé soma-se uma quarta dimensão, antiga e atual ao mesmo tempo: “Até onde ir na relação com o outro?”, a pergunta clássica da ética e suas diversas interfaces, inclusive com a ciência e a religião. “Não há como pensar conceitos contemporâneos, como o de sustentabilidade, sem considerar esses limites”, ressalta George Barcat, filósofo e professor de Ética da Associação Palas Athena, em São Paulo.

Na parede da sala principal da instituição, os dizeres do ensaísta e filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) inspiram a reflexão: “Toda época sonha a seguinte, e ao sonhá-la a faz despertar”. Trata-se de uma jornada intrinsecamente ligada à ética, cujo significado, para Barcat, pode ser resumido em três palavras: “arte da convivência”.

No entanto, o conceito é mais complexo do que se imagina e pode ser entendido sob diferentes pontos de vista. Definir-lo é tão difícil quanto explicar o “tempo” – como dizia Santo Agostinho (354-430), algo que todos conhecemos, mas não sabemos dizer o que é.

Para esse filósofo e teólogo de grande expressão no início do Cristianismo, a ética só fazia sentido associada à figura de Deus, ao amor ao próximo, à caridade e à fraternidade. Antes dele, Aristóteles (384-322 a.C) tratava o tema com ênfase na noção de felicidade, alcançada por uma vida virtuosa, bela e equi-

librada. Desde então, ao longo da História da Filosofia, surgiram dezenas de teorias para o “pensar ético”, fronteiro a vários modos de entender e lidar com a realidade, mas sempre próximo ao conceito de justiça e de bem comum, conforme escreveu Platão na obra *A República*, no século IV a.C.

“A ética precisa de autonomia para servir e orientar as ciências e as religiões”, afirma Barcat, ao lembrar que esses setores mexem com crenças, medos, incertezas, rupturas, necessidades e sonhos humanos.

Nesse campo, diz ele, há que diferenciar “crendice”, “crença” e “fé”; o exotérico com “X” do esotérico com “S” – este último relativo ao mundo transcendental e à ascética vivenciada por meio de celebrações religiosas, reflexões e desenvolvimento de virtudes.

Para o especialista, cinco verbos representam as diferentes maneiras de o ser humano encarar a realidade: “transcender” o imediato (religião); “expressar” percepções fora da linguagem comum (arte); “explicar” o como e o porquê (ciência); “realizar” planos e projetos (política); e “criticar”, debater os limites e não aceitar as coisas tal como chegam a nós (filosofia). “A ética permeia todos esses verbos, definindo até onde cada um deles pode ir, inclusive o ‘transcender’ da religião e de seus representantes”, explica Barcat.

Segundo ele, não existe religião que não conceba uma ética. Todas propõem um código moral a seus seguidores com o propósito de orientar escolhas e comportamentos cotidianos. “Claro está que as éticas criadas em contextos religiosos ficam atreladas à visão de mundo e doutrinas da qual emanam. Conflitos religiosos, frequentemente, provocam conflitos entre éticas.” No entanto, afirma o filósofo, existem éticas seculares,

# Depressão, insegurança e destruição da vida na Terra puseram o antropocentrismo em xeque

cujos valores e princípios estão desvinculados de qualquer crença ou prática religiosa, pautando conceitos e proposições em teorias que buscam algum grau de apoio no método científico. “É fácil perceber que existe um número maior de éticas do que de religiões”, acrescenta Barcat.

O conceito de ética está bastante ligado ao de interdependência, e também ao termo “obrigação” – do latim (*obligatio*). A ligação que temos com certas pessoas impõe limites sobre o que fazemos com elas.

Tal dependência coincide com a lógica da Ecologia, ou seja, com a teia de relações sinérgicas entre ecossistemas e espécies da fauna e flora que permite a manutenção da vida. A visão de mundo holística, na perspectiva do todo e não de suas partes isoladas, constitui hoje a base de conceitos e métodos ligados à sustentabilidade, como → **economia circular** e → **Avaliação de Ciclo de Vida**.

## PERSPECTIVA SISTÊMICA

Depois de demonstrar intrigantes paralelos entre as mais antigas tradições místicas e as descobertas da Física no século XX, no best-seller *O Tao da Física* (1975), o físico austríaco Fritjof Capra pronunciou profundas mudanças na visão do mundo e valores a partir de novos conceitos de espaço e tempo lançados pela ciência. Mais tarde, na década de 1980, no livro *O Ponto de Mutação*, o autor mostrou como a velha percepção mecanicista da vida aos poucos cedia lugar para uma perspectiva mais sistêmica e abrangente na economia, medicina, psicologia e outras áreas do conhecimento humano.

O → **I Ching** diz: “Ao término de um período de decadência, sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurge. Há movimento, mas este não é gerado pela força (...) O movimento é natural, surge espontaneamente (...) O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultan-

do daí, portanto, nenhum dano”. Na teoria, o poder da ética como arte do diálogo e mediação das relações humanas se encaixaria perfeitamente no mundo cada vez mais interdependente e conectado em rede, como o atual. “Mas o império do relativismo tem reforçado uma ética da conveniência e não da convivência, com forte viés utilitarista, influenciando também a prática das religiões. Se tudo é relativo e estou ao lado do mais forte, por que tenho que abrir mão de interesses em favor do outro?”, questiona Barcat.

“Só pelo *fair game* ou pela força dos valores éticos no sentido abstrato, o indivíduo não consegue hoje adaptar o comportamento a padrões, necessitando de normas de conduta para orientação da vida na prática”, concorda o filósofo Franklin Leopoldo e Silva, professor aposentado da Universidade de São Paulo, hoje especialista em História da Filosofia na Faculdade de São Bento, em São Paulo. Para ele, os chamados → **“valores universais”** – amor, cooperação, felicidade, honestidade, humildade, liberdade, paz, respeito, responsabilidade, simplicidade, tolerância, união – perderam força na realidade do cotidiano.

Uma das explicações, em sua análise, está diretamente ligada às religiões: “Na passagem da Idade Média para a Moderna, quando o ser humano transferiu o poder de Deus para si próprio, os valores deixaram de ter um fundamento transcendental e se tornaram mais relativos e frágeis”.

Como a fonte não está mais na → **metafísica**, a norma ficou a cargo de um ou mais indivíduos, do governo ou de determinado partido ou facção religiosa. “Padrões éticos são hoje pautados pela ciência, pela tecnologia e pelo crescimento econômico, sendo assim susceptíveis de mudanças ao sabor desses interesses”, diz Silva. “É possível uma ética fundada no individualismo e da subversão da ordem natural do planeta pela tecnologia e produção?”, pergunta o filósofo.

Ele lembra que “algumas religiões man-

TEORIA ÉTICA	PREOCUPAÇÃO CENTRAL	AUTORES
<b>Ética da Virtude</b>	Como viver tendo por base as qualidades que tornam a vida boa?	Platão. Aristóteles
<b>Comunitarismo</b>	O que é a Justiça?	John Rawls. Amartya Sen
<b>Teleologia ou Consequencialismo</b>	Qual a melhor consequência a ser perseguida?	Elizabeth Anscombe
<b>Contratualismo</b>	Como harmonizar interesses e poderes contrários?	Hobbes. Locke. Rousseau. David Gauthier. T. M. Scanlon
<b>Deontologia ou Ética do Dever</b>	Qual é o meu dever? O que devo fazer?	Kant
<b>Emotivismo</b>	Como bem usar os afetos (paixões, sentimentos, emoções) para me orientar na vida?	Mêncio. Spinoza. Hume. Nietzsche. Ayer
<b>Ética do Cuidado</b>	Como estabelecer alianças positivas?	Carol Gilligan. Leonardo Boff
<b>Ética da Responsabilidade</b>	Como evitar que tecnologia erradique a vida no planeta e modifique a natureza humana?	Hans Jonas
<b>Exemplaridade</b>	O que devo inspirar no outro? A quem devo seguir/imitar?	Confúcio. Emerson
<b>Personalismo</b>	O que é e como desenvolver a consciência moral?	Max Scheler. Emmanuel Mounier
<b>Relativismo</b>	Como resolver diferenças culturais?	Sofistas. Montaigne. Bernard Williams. Philippa Foot. Gilbert Harman
<b>Utilitarismo</b>	Como possibilitar a maior felicidade possível para o maior número possível de pessoas?	Jeremy Bentham. Stuart Mill

FONTE: PROF. GEORGE BARCAT / PALAS ATHENA

têm valores tradicionais, enquanto outras se adaptaram ao atual modelo de prosperidade a qualquer custo e abrem mão da ética para não se distanciar dos adeptos”.

Em sua visão “o critério ético ficou tão desgastado que nada supera a perspectiva do lucro. As vozes resistentes não conseguem sensibilizar a sociedade, na qual o indivíduo é hoje como um empreendimento”. Dessa forma, completa Silva, “com a centralidade do homem em si mesmo, o solidário e o comunitário ficam em segundo plano”. Ele pergunta: “Onde está a identidade humana”?

O antropocentrismo, segundo o professor, não está sustentando adequadamente o próprio indivíduo, com reflexo no alto índice de depressão e insegurança e na necessidade de autoajuda. Isso em falar dos impactos ambientais, causados pelas atividades antrópicas, como o aquecimento global, que coloca o planeta em xeque-mate. Uma encíclica do

papa Francisco sobre o tema teria o poder de reduzir o abismo entre Igreja Católica e seus fiéis e fortaleceria o debate e as negociações globais sobre o controle da mudança climática. “Resta saber se a iniciativa será incorporada na prática pela sociedade ou se ficará apenas no texto da encíclica”, pondera Silva.

Agir eticamente não é fazer tudo que se deseja e extrair recursos do planeta sem pensar nas futuras gerações. Para o filósofo, diante da atual fragilidade dos princípios éticos incorporados pelas religiões, o debate levantado pelo Vaticano é uma incógnita.

Entre tantos conceitos, a ética exige também coerência. Pode até ser carece quando nossos pais e avós falam sobre a necessidade de estabelecer limites e não fazer com os outros o que não gostaríamos que fizessem conosco. Mas eles têm razão. E não é problema de cometer ou não pecado. A questão agora é de sustentabilidade. 

➤ **Modelo que permite repensar práticas econômicas por meio do design de produtos e sistemas de reciclagem, inspirando-se na própria vida**

➤ **Ferramenta que mede o impacto ambiental em toda a cadeia produtiva, da matéria-prima até o descarte após o uso do produto**

➤ **Pilares da convivência entre cidadãos de todo o mundo, definidos em 1948 pela Declaração Universal dos Direitos Humanos**

➤ **Ramo da Filosofia que investiga a essência do mundo e as realidades que transcendem a experiência dos sentidos**

➤ **Livro das Mutações, um dos mais antigos textos chineses, estudado como oráculo ou livro de sabedoria**



## A emergência da ética do Antropoceno

Em vez de usar culpa e medo como mobilização social, é melhor acenar que a vida de baixo carbono pode ser mais significativa que a dos padrões atuais de consumo

A psicologia climática e a filosofia ética convidam os ativistas socioambientais a repensar seu trabalho. A comunicação sobre mudança climática, nos últimos anos, vem enfatizando os eventos extremos, o derretimento das geleiras, as inundações, as secas e um assustador conjunto de catástrofes que já atingem a vida no planeta. Além disso, como o sistema de preços não sinaliza o real custo do que se produz e consome, parte cada vez maior da sociedade tem um padrão de vida que só se mantém por não respeitar os limites ecossistêmicos além dos quais a própria reprodução social está ameaçada.

Culpa e medo têm sido o prato cotidiano que se oferece à sociedade, na abordagem da mudança climática, seja nos comunicados do IPCC, seja na mensagem da esmagadora maioria das organizações não governamentais.

Não se trata de censurar os movimentos sociais ou os cientistas pelas denúncias que fazem nem de sugerir que elas sejam atenuadas. Mas, se não forem compreendidas as razões culturais e cognitivas da convivência tolerante com a mudança climática, as chances de avanço serão muito limitadas.

O problema não está apenas no negacionismo climático e sim na timidez da mobilização social para interromper o caminho desastroso que se está tomando. É aqui que tanto a filosofia ética como a psicologia climática oferecem contribuições decisivas. E estas contribuições, mesmo que se refiram especificamente à mudança climática, são fundamentais para a esmagadora maioria dos temas socioambientais contemporâneos.

São ao menos dois os pontos de convergência entre a filosofia ética e a psicologia climática. O primeiro, enfatizado no indispensável livro de Dale Jamieson <sup>1</sup>, tem por eixo a noção de responsabilidade. Mesmo que haja elementos empíricos demonstrando a imensa desigualdade



social na ocupação do espaço carbono, é muito difícil conceber o consumo dos bens que dão origem às emissões como moralmente suspeito, no mesmo sentido, por exemplo, de um roubo ou um assassinato. Diferentemente de um roubo ou um assassinato, não há intenção de destruir o sistema climático no ato de consumo e isso não é moralmente irrelevante, por uma razão decisiva para a qual a psicologia climática, segundo o recém-publicado livro de Per Espen Stoknes <sup>2</sup>, chama atenção: a culpa e o medo são péssimos conselheiros.

O tiro da culpa e do medo costuma sair pela culatra, mostra Stoknes, sob a forma de uma autojustificação complacente que vai desde o “todos-agem-assim” até a minimização idealizada dos impactos provocados pelo consumo de cada um de nós. Com isso, diz Stoknes, a dissonância cognitiva entre o que dizem os cientistas e as condutas dos indivíduos aumenta. Esse fosso é ampliado tanto pelo interesse de muitas empresas em persistir na oferta de bens e serviços altamente emissores como pela

dificuldade de os indivíduos nem sequer vislumbrarem mudanças na maneira como vivem: o que se torna ameaçador, então, é menos a mudança climática do que a chamada para que seu enfrentamento traga alterações nos modos de vida. A inércia no comportamento dos indivíduos e das organizações (privadas e públicas) é especialmente forte quando se trata dos padrões sociais de consumo.

A resposta a este problema, para Jamieson, não está na economia, na atribuição de preços ao uso dos recursos ecossistêmicos, mesmo que isso seja, em princípio, importante: “A economia, diz ele, tem muito a dizer sobre incentivos e custos, mas pouco ou nada sobre as finalidades que nós devemos perseguir”. É por isso que Jamieson se empenha na formulação de uma ética do Antropoceno, um conjunto de virtudes que poderão permitir uma vida significativa, de cooperação social e respeito à natureza, apesar de toda a destruição que marca o mundo atual e que vai marcar seu futuro ainda por muito tempo.

É interessante, aqui também, a convergência com a psicologia climática. Muito mais que a culpa, o medo ou a informação científica, o principal elemento capaz de fortalecer a mobilização social contra a aceleração da mudança climática é a esperança de que a vida sob uma economia de baixo carbono possa ser melhor do que a propiciada pelo conforto ligado aos atuais padrões de consumo, intensivos em combustíveis fósseis e comprometedores dos ecossistemas.

Longe de exprimir crença cega no poder da ciência e da técnica, esta mudança de foco é que vai permitir que ética e política – “como viver uma vida significativa sob o Antropoceno?”, pergunta Jamieson – ocupem centro da luta contra o aquecimento global.

<sup>1</sup> Reason in a Dark Time: Why the struggle against climate change failed and what it means for our future. Oxford University Press. 2014 <sup>2</sup> What We Think About When We Try Not to Think About Global Warming. Toward a New Psychology of Climate Action. Chelsea Green Publishing. 2015



## Entre a cruz e a caldeirinha

Embora os evangélicos representem apenas um quarto da população americana, têm crescente poder econômico e influência política sobre questões como a mudança climática

Durante boa parte das últimas décadas, os Estados Unidos recusaram-se a participar ativamente no debate climático. É fácil enxergar aí o dedo do lobby do carvão e do petróleo, defendendo os seus subsídios e a sua licença de operação. Mas a indústria dos combustíveis fósseis não foi a única a pressionar um dos líderes mundiais em emissões de gases-estufa a ignorar uma catástrofe amplamente aceita pela ciência. Ela teve o apoio de outro grupo de interesse, os fundamentalistas cristãos.

Embora os evangélicos representem apenas um quarto da população americana, eles têm crescente poder econômico e influência política. Eles são, inclusive, um dos pilares principais do Partido Republicano.

Há alguns anos, a revista *The Economist* ilustrou essa proximidade entre os evangélicos e o poder com uma descrição do fervor religioso de assessores próximos ao ex-presidente George W. Bush. No Domingo de Ramos de 2002, poucos meses depois de excluir seu país do Protocolo de Kyoto, Bush retornava a Washington de uma visita a El Salvador. Como a delegação perderia a chance de ir a uma igreja, improvisaram um culto no avião presidencial, liderado pela então secretária de Estado, Condoleezza Rice, com direito a entoar *Amazing Grace*, um clássico litúrgico americano.

Como no Brasil, a força cristã no Congresso também é bastante visível, sobretudo nas votações com teor científico (evolucionismo, mudança climática) ou ligadas aos direitos individuais (aborto, união civil de homossexuais), que põem os eleitores evangélicos em alerta máximo. Hoje, 56% dos republicanos no Congresso negam o aquecimento global ou o papel das emissões antrópicas no seu agravamento. Em muitos dos casos, eles utilizam as Escrituras para justificar sua posição. “A Terra só aca-



bará quando Deus anunciar que chegou a hora. A Humanidade não vai destruí-la”, professa John Shimkus, representante do estado de Illinois. Seguindo a mesma linha, seu colega texano Joe Barton prega que “se você acredita na Bíblia, terá de admitir que o Grande Dilúvio é um exemplo de mudança climática. E ele certamente não ocorreu porque a Humanidade superexplorou a energia dos hidrocarbonetos”.

Naturalmente, os membros do Congresso reproduzem as crenças do seu eleitorado. Estudos recentes confirmam que os evangélicos de várias denominações são os líderes absolutos do ceticismo climático nos EUA. E, não por coincidência, eles também tendem a combater qualquer tipo de regulamentação ambiental e o ensino do evolucionismo nas escolas.

Uma pesquisa divulgada em março pelas universidades Yale e George Mason apontou que apenas 51% dos evangélicos acreditam que o clima está efetivamente mudando, contra 69% dos católicos e 62% dos outros protestantes <sup>1</sup>. Em novembro, o Public Religion Research Institute <sup>2</sup>, organização que pesquisa o papel das religiões na vida pública americana, já havia publicado estudo na mesma linha, indicando

que menos da metade dos evangélicos brancos faz a correlação entre furacões e longas estiagens com a mudança climática. Além disso, mais de três quartos dessa população vê nesses fenômenos extremos um alerta divino, sinal de que a profecia bíblica do fim dos tempos estaria perto de se confirmar. E o Apocalipse é um tema particularmente caro para os evangélicos americanos.

Enquanto os evangélicos se digladiam com a militância ambiental, a comunidade católica, que representa um quinto da população, tem postura mais discreta e tende a sentar em cima do muro. Mas há exceções, como o pré-candidato presidencial republicano Rick Santorum. Ligado ao Opus Dei, ele declarou recentemente que, apesar de ser fã do papa Francisco, entende que “a Igreja cometeu alguns erros no passado no que tange à Ciência e seria melhor se a deixasse a cargo dos cientistas”. Foi ridicularizado pela mídia por ignorar que o papa, quem diria, é mestre em Química pela Universidade de Buenos Aires.

Há expectativas de que a nova Encíclica climática do Vaticano e que novas lideranças evangélicas, com maior consciência ambiental, ajudarão a esvaziar o poder dos fundamentalistas. Mas é bem possível que o desprezo pela ciência, que eles impuseram às escolas da América profunda, impeça que ideias mais arejadas se espalhem.

<sup>1</sup> Acesse a pesquisa em [goo.gl/ErQ7jn](http://goo.gl/ErQ7jn)  
<sup>2</sup> Mais em [goo.gl/Y5imgL](http://goo.gl/Y5imgL)



## O néctar da imortalidade

FOTOS SILVIO FATZ  
TEXTO AMÁLIA SAFATLE

**Usando apenas cinzas** para se proteger do calor e do frio, os sadhus despiram-se de todo o apego da vida mundana. Vivem de doações nas ruas ou nos templos da Índia, e são reverenciados pelo desprendimento. Na confluência dos rios Ganges, Yamuna e Saraswati, banham-se para purificar de seus karmas. Ao lado de gurus, fiéis e peregrinos, engrossam a multidão de 100 milhões de pessoas que, durante 55 dias, fazem do Khumba Mela da cidade de Allahabad o maior e mais antigo festival religioso de que se tem notícia no mundo.

Tudo começou com a lenda de que deuses e demônios guerrearam durante 12 dias por um pote (*khumba*) que continha o néctar da imortalidade. Na briga, gotas caíram em Allahabad, Ujjain, Nasik e Haridwar – as quatro cidades que se revezam a cada três anos para sediar o festival (*mela*), perfazendo o ciclo de 12. O próximo será em setembro, em Nasik.







## Salve, Jorge

Historicamente, os cultos animistas foram – e são – perseguidos pelas religiões majoritárias. Ainda assim, resistem e mantêm viva a mensagem de que a natureza precisa ser encarada como algo sagrado

POR FÁBIO RODRIGUES  
FOTO SILVIO FATZ

“A crise ambiental está debilitando o → axé e matando o sagrado”, afirma o teólogo especializado em religiões de origem afro e presidente da Associação de Teólogos e Teólogas de Religiões de Matriz Africana e Indígena (Atrai), Jayro Pereira de Jesus, com tom de voz preocupado. Para ele, e outros tantos que seguem religiões ditas → animistas, a maneira destrutiva com que temos nos relacionado com a natureza é nada menos que uma forma de deicídio – a expressão é, normalmente, usada em referência à execução de Jesus na cruz, mas significa “matar Deus”.

➤ Palavra no idioma iorubá que pode ser traduzida como força ou energia. Para os cultos de matriz africana, designa um tipo de energia espiritual que sustenta os terreiros e cultos

➤ Conceito clássico da Antropologia usado para descrever crenças onde não existe uma distinção entre o mundo espiritual e o material. Para elas, o mundo – especialmente a natureza – estaria imbuído de espíritos

## Movimentos da sociedade civil e comitê do governo buscam disseminar o respeito e a cultura de paz

Isso expõe um problema – geralmente interpretado por suas implicações mais práticas – em outra ordem de magnitude. Não que a situação já não fosse grave, mas há algo especialmente dramático em considerar que não estamos só bagunçando o planeta onde vivemos, mas toda a ordem cósmica, segundo a visão religiosa.

Também torna mais sombria a percepção de que o Brasil vive uma onda de intolerância religiosa que faz a vida dos seguidores de cultos mais ligados à natureza não apenas mais difícil, mas até mais perigosa. Em meados de junho, uma menina de 11 anos foi atingida com uma pedra quando saía, acompanhada por familiares, de um culto em um terreiro de candomblé no Rio de Janeiro. Antes do ataque, a família relata que foi insultada por dois homens, ambos na faixa dos 20 anos, com frases de cunho religioso.

Esse não é um caso isolado na avaliação do coordenador-geral do Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Alexandre Brasil. Desde que foi criado, em 2011, um serviço de denúncias sobre violações de direitos humanos (Disque 100), já foram registrados 543 casos de discriminação religiosa, até fevereiro passado. O número põe em xeque a imagem de tolerância que o Brasil construiu em torno de si.

Pereira de Jesus conta que viu a situação mudar para pior. Nascido e criado na Ilha de Itaparica – na Grande Salvador, Bahia –, ele diz que dentro de sua própria família conviviam, em razoável harmonia, parentes que professavam a fé nos deuses que haviam atravessado o Atlântico nos porões dos navios negreiros juntamente com seus ancestrais e outros que haviam se convertido à Igreja Batista. “E eu nunca os vi se digladiando por isso”, relembra.

Não que essa paz fosse estável ou generalizada: o teólogo lembra que cultos da matriz africana e indígena sempre tiveram que lidar com perseguições e desrespeitos, mas que as agressões têm crescido em virulência. “Acho

que dá para dizer que, no passado, a ‘intolerância era mais tolerante’”, analisa. “O que temos são líderes religiosos que atribuem abertamente ao diabo problemas do dia a dia e, depois, apontam para os terreiros e dizem que é onde o diabo está”, reclama.

Alexandre Brasil atribui parte dessa tensão a um processo que ele chama de “destradicionalização” da religiosidade brasileira. “É importante lembrar que, até meados do século passado, a população brasileira era praticamente toda católica”, afirma.

Já na opinião da facilitadora nacional da Rede Ecumênica da Juventude (Reju), Edoarda Scherer, essa nova situação escancarou problemas já existentes. “O que se constata é resultado de uma intolerância que sempre existiu no Brasil, mas que, durante séculos, esteve velada pelo estereótipo de que o povo brasileiro é pacífico e livre de preconceitos”, diz.

“Tem coisas gravíssimas acontecendo. Voltamos aos tempos das missões”, alarma-se o educador Sérgio Junqueira, fundador do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), que há 15 anos estuda os impactos da religião no ensino brasileiro. O que ele descreve é coerente com um aumento na intensidade dos conflitos de ordem religiosa. “Temos estudantes e professores querendo usar o espaço de ensino para catequizar, fazer Jesus ser conhecido e amado. As pessoas não estão respeitando quem crê em outra coisa ou simplesmente não quer crer. Sinto que hoje tem um movimento para insuflar isso”, descreve.

Felizmente, tem gente empenhada em desarmar essa bomba. Do lado do governo, há o esforço do próprio Comitê Nacional de Diversidade Religiosa na formulação de políticas de valorização do respeito à diversidade religiosa e disseminação da cultura da paz. Do lado da sociedade civil, há uma multiplicidade de atores envolvidos na questão. “O que propomos para o movimento ecumênico é o diálogo. Se as problemáticas forem enfrentadas ao mesmo tempo, a garantia de direitos será conjunta”, pontua Edoarda Scherer.

### RAÍZES ANTROPOCÊNTRICAS

A predominância da matriz judaico-cristã trouxe impactos não apenas à diversidade, mas também teria reforçado uma visão antropocêntrica, moldando a nossa relação com o mundo natural. O primeiro a externar publicamente essa ideia foi professor da Universidade da Califórnia, Lynn White Jr. Em março de 1967, ele publicou na respeitadíssima *Science* um curto mas influente ensaio chamado *The Historical Roots of Our Ecological Crisis* (As Raízes Históricas de Nossa Crise Ecológica, em tradução literal) , no qual defende que a crise ambiental está enraizada na narrativa judaico-cristã da criação. “Deus planejou toda [a criação] explicitamente para o comando e benefício do homem: nada na criação física tem outro propósito se não o servir. (...) O cristianismo é a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu”, opina o autor.

Embora, de forma geral, concorde com o acadêmico americano, o psicólogo e diretor da União Planetária, Marco Aurélio Bilibio, ressalta que pode não ser justo debitar toda fatura na conta das tradições judaico-cristãs. Séculos antes do nascimento de Jesus de Nazaré, os filósofos da Grécia Clássica já haviam colocado na mesa a ideia da supremacia da razão que – para o bem e para o mal – acabaria colocando o Ocidente no rumo da revolução científico-tecnológica que configurou o mundo atual. “Os gregos também tinham um discurso que não reconhecia a conexão entre o ser humano e outras espécies”, pontua.

Em que pese esta não ser uma invenção cristã, a religião ocidental ajudou a alimentá-la. Para o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPA, Deyve Redyson, esses cultos substituíram a natureza por uma narrativa baseada na perspectiva → **soteriológica**. “Essa é uma especificidade judaico-cristã que vem do fato de elas serem religiões proféticas, em que a revelação divina vem para substituir a natureza”, completa.

 Acesse em [goo.gl/faHT4o](http://goo.gl/faHT4o)

Enquanto no Ocidente a divisão estrita entre o humano e o natural ia se consolidando como paradigma dominante, em outros cantos do globo os limites eram mais maleáveis. Pereira de Jesus, por exemplo, lembra que, para as religiões africanas, as duas coisas estavam imbricadas. “Não havia essa visão de que o humano e a natureza são coisas diferentes”, analisa.

Algo similar pode ser dito sobre os povos nativos das Américas. “Eles compartilham [com os cultos de origem africana] o mesmo padrão xamânico no qual a natureza não está fragmentada entre matéria e espírito”, explica a antropóloga Lucia Rangel, que atua como assessora do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) – órgão ligado à Igreja Católica que trabalha com povos indígenas desde os anos 70.

É possível especular que a ausência de um fracionamento tão nítido entre o sagrado e a natureza ajude a refrear o ímpeto predatório, mas dificilmente dá para afirmar que isso seja determinante. “Se fosse assim, o taoísmo deve-

ria fazer da China um dos países ambientalmente mais coerentes do planeta”, comenta Bilibio, que acha que os desafios socioambientais do mundo moderno ficaram complexos demais para a capacidade de resposta das culturas tradicionais. “A destruição ambiental vem da ideologia econômica baseada em uma visão que coloca o ser humano como ator principal e as outras espécies não têm importância alguma”, reforça.

A professora do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Maria Helena Villas Bôas Concone relativiza, ao lembrar que a separação entre cristianismo e natureza jamais foi absoluta. Segundo ela, um fenômeno tipicamente católico, as aparições marianas, costumam envolver ambientes e elementos naturais: Nossa Senhora de Lourdes, por exemplo, surgiu numa gruta e a imagem de Nossa Senhora Aparecida emergiu do Rio Paraíba.

Até Lynn White Jr. admite que o cristianismo não é totalmente alheio à natureza, ao destacar a influência de São Francisco de

Na tradição judaico-cristã, a revelação divina substitui a natureza

 **Soteriologia é o ramo da Teologia que se dedica especificamente às condições necessárias para a salvação humana**

# O projeto civilizador deu a entender que indígenas e africanos são o seu oposto, gerando intolerância

Assis e seu Cântico das Criaturas. “Francisco tentou depor o homem de sua monarquia sobre a criação e estabelecer uma democracia de todas as criaturas de Deus”, diz no ensaio publicado na *Science*, ao propor que a doutrina franciscana poderia levar a um cristianismo mais sensível em relação ao meio ambiente.

## PALAVRA E ESPADA

Talvez essa “tendência antropocêntrica” não tivesse adquirido as proporções catastróficas que tem hoje se outro elemento não tivesse entrado em cena: o missionarismo. Somado ao ciclo de grandes navegações europeias do século XV, colaborou para espalhar a mentalidade ocidental e, conseqüentemente, sua religião mundo afora.

Evidentemente, é difícil determinar o quanto os motivos religiosos foram usados como instrumento de dominação geopolíti-

📄 Acesse em [goo.gl/XWBgBv](http://goo.gl/XWBgBv)

ca e econômica dos exploradores europeus. “Quando a armada portuguesa chegou aqui, havia quase um *franchising* da Igreja [Católica]. Os recursos financeiros eram da Coroa e os recursos educacionais da Igreja”, opina o pesquisador do Centro de Educação Transdisciplinar (Cetrans), Luiz Eduardo Berni, apontando que a educação foi a ferramenta para cristalizar a noção da supremacia ocidental.

O historiador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Carlos André Cavalcanti ressalta que, antes de sair atribuindo culpas, é necessário entender corretamente o processo que “desencaminhou as religiões ocidentais”. “O cristianismo nasce com uma moral voltada para os excluídos, na qual a conversão se dá pelo convencimento. Mas, na História, o que se vê é que a palavra acaba dando lugar à espada”, afirma. Segundo ele, a chave para entender essa mudança está ligada à relação entre o clero e o Império Romano. “Os céasares chamaram o clero para dentro do palácio.

Com a queda de Roma, o cristianismo chamou para si o controle do mundo”, pondera.

“Foi esse empoderamento que levou a Igreja à intolerância que, mais tarde, fez surgir a Inquisição”, sintetiza [veja quadro]. “A motivação inicial de qualquer religião é sempre a perplexidade do homem perante a morte, mas aí chegam os grupos sociais que passam a usá-la com um instrumento de poder”, prossegue.

Mas, uma vez instrumentalizado, Maria Helena Concone afirma que o cristianismo foi, sem dúvida, uma força de conquista: “Junto com as armas, promoveu a desqualificação das formas religiosas dos derrotados”, analisa.

É nessa sobreposição entre a percepção subjetiva de mandato divino a cumprir e um projeto de poder material que Pereira de Jesus enxerga a gênese da noção de que a Europa teria a responsabilidade de civilizar o mundo. “Essa ideia de um projeto civilizador per-

Segundo último censo do IBGE, a porção de brasileiros que se declara evangélica quadruplicou desde os anos 1970, chegando a 22% em 2010

mitiu construir um imaginário onde povos indígenas e africanos são o seu contrário [da civilização]. Na construção dessa dicotomia, instituída a partir da visão cristã do bem e do mal, os povos conquistados passam a desempenhar o papel do ‘mal’”, explica. É um sentimento que, até hoje, alimenta os surtos de desrespeito e violência.

Apesar de tudo, Marco Aurélio Bilíbio está esperançoso. Segundo ele, uma nova geração vem vindo imbuída de uma espiritualidade não institucionalizada, na qual o sentimento religioso se mistura à preocupação ambiental. “São pessoas inspiradas no xamanismo, nas religiões orientais e em São Francisco de Assis. Elas não olham a natureza como um simples objeto, mas têm um sentimento muito profundo de ligação com ela”, completa.

Talvez ainda haja tempo de evitar o deídicídio do qual falávamos no início. 📄

## ALIMENTOS

# A fé está na mesa

Como a diversidade religiosa se manifesta em hábitos alimentares que nos conectam à natureza

POR FERNANDA MACEDO

Em sua palestra no EAT 📄, o professor Johan Rockström diz que “dos nove → limites planetários que regulam o planeta, todos eles estão relacionados à comida”. As práticas de agricultura e pecuária se tornaram hoje uma ameaça às condições necessárias para a vida humana na Terra. Mas nem sempre foi assim. Os hábitos de consumo e a produção de alimentos trazem em sua origem uma história de conexão entre a natureza e a espiritualidade humana.

Na Grécia Antiga, os mitos – narrativas fantásticas criadas para revelar o sentido das coisas no mundo – abrigavam as religiões e seus rituais. Por exemplo, nos mitos gregos

agrícolas, os sacerdotes recebiam os primeiros frutos que eram colhidos. Além dos frutos, tudo na lavoura – o plantio, o preparo e o cuidado com a terra – também carregava o caráter do sagrado.

Dos rituais mais antigos, como o xamanismo, até as teologias mais contemporâneas, o uso de elementos da natureza revela um sentimento de integração entre o natural e o religioso, o corpóreo e o espiritual. Uma das funções dos ritos religiosos é despertar a consciência para ações cotidianas. Por exemplo, na tradição judaico-cristã, partilhar a mesa nas refeições é partilhar a vida com as pessoas. São metáforas que traduzem para o dia a dia os valores de uma religião. “Aquilo que faz parte da vida constitui o elemento básico dos ritos”, comenta

📄 Assista em [bit.ly/1ffBrer](http://bit.ly/1ffBrer)

📄 Limites ambientais seguros dentro dos quais a humanidade conseguiria continuar a se desenvolver e prosperar em gerações futuras

## NO CREO EM LAS BRUJAS

Na visão popular, a Inquisição é sinônimo de caça às bruxas. Essa é uma verdade parcial, diz o professor Carlos André Cavalcanti, autor do livro *No Imaginário da Intolerância*, que trata justamente desse período. “A Inquisição portuguesa que atuou no Brasil, por exemplo, perseguiu principalmente os judeus convertidos chamados cristãos-novos”, explica.

Segundo o professor da UFPB, após a queda do Império Romano no fim do século V, a Igreja Católica teve de se reinventar e encontrou uma nova vertente no endurecimento da moral sexual. “Essa vertente era algo secundário, mas passou a ser central. A grande vítima desse processo foi a mulher, que passou a ser demonizada, vista como uma ameaça e como alguém que precisa ser controlado. A figura da bruxa é o supracumulo dessa invenção”, completa Cavalcanti.

A aposta na misoginia permitiu que a Igreja ganhasse duplamente: primeiro, eles podiam perseguir as curandeiras das aldeias medievais, em um esforço consciente para massacrar o que ainda restava dos cultos pagãos da antiguidade; em segundo lugar, reforçava a imagem de pureza que o celibato clerical tentava transmitir.

Nem tudo foi negativo. Os Tribunais do Santo Ofício formalizaram diversos elementos que até hoje fazem parte do Direito, entre os quais a necessidade de que a acusação reúna evidências para provar a culpa do acusado. Isso rompeu com a prática medieval do ordálio, pela qual o resultado de um julgamento era determinado quase de forma aleatória.

Alex Villas Boas, professor de Teologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

Um levantamento da ONG australiana Better Health sobre cultura alimentar e religião mostra de que forma a comida se tornou uma parte importante da prática religiosa. No Cristianismo, restringir o consumo de certos alimentos ou fazer jejum é visto como uma forma de “orar com o corpo”. Acredita-se que seja possível melhorar a disciplina espiritual superando as sensações do mundo físico. Essa renúncia aos prazeres alimentares pode ser vista também como uma forma

de respeitar pessoas ao redor do mundo que enfrentam fome ou desnutrição. Já no Islâmismo, atos diários como comer são considerados uma forma de adoração.

As regras alimentares presentes em diversas religiões servem como rituais instauradores de disciplina e autocontrole. Domar a alimentação e suas tentações é domar a si mesmo, como defende o historiador Henrique Soares Carneiro em seu livro *Comida e Sociedade: Uma história da alimentação*.

A restrição a alguns alimentos, como a carne de porco no Judaísmo e Islamismo, tem origem em práticas de higiene e de cuidado dietético. Mas algumas culturas possuem também uma relação de maior “respeito” aos animais, frutos e plantas, por meio de rituais de “permissão” para a caça e o consumo desses alimentos. Tanto islâmicos como judeus têm rituais de abate para o sofrimento mínimo dos animais. Quem pratica o hinduísmo não come carne e também evita alimentos que podem ter causado dor aos animais durante a fabricação, para evitar o chamado Karma – que representa a carga espiritual que acumulamos ou de que nos livramos durante a vida.

De forma semelhante à crença hindu no Karma, o budismo acredita que a violência ou dor provocada a outros retornará a você. Por isso, a maioria dos budistas opta por se tornar vegetariana. Assim, não contribui para a violência do sacrifício de animais, que seria uma das causas da agressividade humana.

Saiba mais em [bit.ly/1Eq9cP6](http://bit.ly/1Eq9cP6)

## O que conecta espiritualidade e alimentação é o conceito de energia

Essas práticas podem revelar algo em comum na origem dessas religiões. “Elas não veem o ser humano como dominador da natureza, mas como um cuidador. Deve, com isso, estabelecer uma relação de convivência saudável, ou de sustentabilidade, como diríamos hoje em dia, com o mundo que lhe foi dado para viver”, diz Villas Boas, argumentando que a espiritualidade pode ajudar o homem a situar seu lugar no mundo, como um pequeno cocriador.

Redimensionar o papel do homem na Terra não é uma missão apenas das religiões. O alimento é central em tradições culturais, como no Japão, onde se diz *itadakimasu* antes de uma refeição, que literalmente significa “humildemente recebo”. É um agradecimento não apenas aos que participaram do preparo da refeição – o que inclui quem plantou, colheu, criou, abateu etc. –, mas também ao próprio alimento, que deu sua vida para que continuássemos vivendo a nossa.

O movimento alternativo da Contracultura, que eclodiu na década de 1960, era caracterizado pelo sincretismo religioso e propunha uma relação diferente com o alimento. A chave dessa união está no conceito de “energia”. “É a energia que busca aproximar o ser humano da divindade. A preocupação com a comida surge a partir da ideia de que uma boa alimentação pode trazer limpeza ao corpo, o que permitiria uma melhor circulação da energia e uma maior facilidade para o alcance da religiosidade”, comenta Paula Rondinelli, antropóloga e coordenadora de assuntos comunitários na Universidade Federal do ABC (UFABC-SP).

A distância do homem moderno em relação aos mitos, narrativas sagradas e também a outros pensamentos, como o movimento alternativo que mantém viva a conexão entre o homem e a natureza, “acarretou em uma perda de reverência pelo mundo”, comenta Villas Boas. Um resgate desse olhar contemplativo é fundamental para exercer a nossa própria espiritualidade. “Se o mais importante é o que vem depois da vida, então esta vida não faz sentido, e por que se preocupar com ela? Este é um dos efeitos de uma mentalidade religiosa mal situada”, critica.



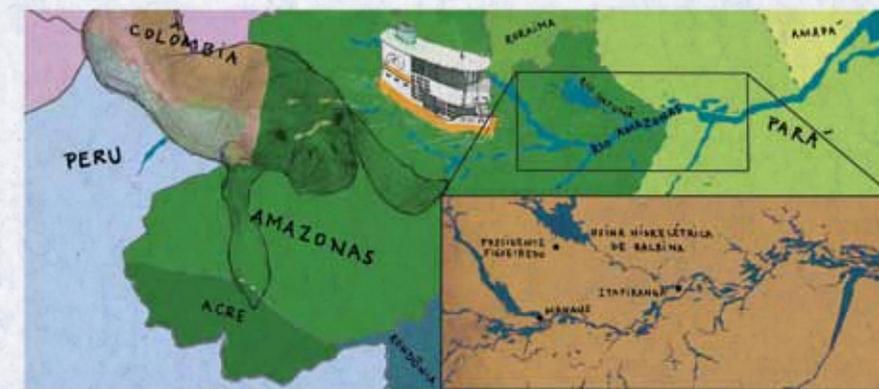
## Eles valem mais vivos do que mortos

Comunidades ribeirinhas no Amazonas preparam-se para receber de volta peixes-boi resgatados da captura ilegal, graças a projetos de conservação

**O** Rio Uatumã, “boca grande” na língua indígena, tornou-se símbolo do apetite predatório na maior floresta tropical do planeta e hoje luta para reverter a má fama. Seus 660 quilômetros desde a nascente, no Planalto das Guianas, até a foz, no Rio Amazonas, cruzam a área da qual o pau-rosa foi extraído indiscriminadamente para a indústria de cosméticos até chegar à beira da extinção, com grave prejuízo ao sustento da população. A região foi também reduto da matança do peixe-boi-da-amazônia, que teve ápice no início do século XX. O couro do animal servia à fabricação de correias para máquinas e até dobradiças de portas. Com a banha, produzia-se óleo para lamparinas e iluminação pública. Assim, entre 1930 e 1950 mais de 200 mil exemplares da espécie teriam sido abatidos como alternativa econômica à decadência da borracha.

Apesar da proibição legal, a captura ocorre ainda hoje para subsistência e venda da carne em feiras populares. A oferta é maior na estação de seca, entre agosto e dezembro, quando os peixes-boi se tornam alvos fáceis nos rios mais rasos. Mas essa situação começa a mudar, com a adesão de aliados ribeirinhos que se engajam em projetos de conservação em busca de novas fontes de renda, como a proporcionada pelo extrativismo de baixo impacto e pelo turismo comunitário. “Vigiamos os lagos contra forasteiros que chegam com arpões”, conta Claudomiro dos Santos, o Cacá, liderança do povoado Maracaná, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Uatumã.

Muitos aprenderam com as lições do passado. E já perceberam que a captura indiscriminada ameaça também tambaquis, matrinxãs, jaraquis e outras espécies básicas da alimentação regional. “É chave a conscientização das comunidades, principalmente das novas



gerações”, ressalta Stella Lazzarini, pesquisadora do Centro de Preservação e Pesquisa de Mamíferos Aquáticos (CPPMA), que abriga animais resgatados após ferimentos, maus-tratos ou morte da mãe por caçadores. O local foi construído como compensação por impactos ambientais provocados pela Usina Hidrelétrica de Balbina, implantada pelo governo militar na década de 1980, no Rio Uatumã, mediante alagamento de uma imensa área de floresta.

Hoje superlotado, o centro acolhe 54 peixes-boi, dos quais 37 têm plenas condições de voltar à natureza – e são exatamente esses que representam o maior desafio, envolvendo conhecimento científico e novos hábitos da população. “Na reintrodução ao ambiente natural, é preciso todo cuidado para que os animais não sejam caçados”, argumenta Stella, ao lembrar que já foi definido o refúgio para a soltura: o Lago Carabá, marginal ao Uatumã, onde hoje tartarugas amazônicas são protegidas.

Como preparativo, uma embarcação tipicamente amazônica percorre os povoados três vezes ao ano, para atividades de educação nas escolas. O trabalho de mobilizar crianças para mudanças no comportamento dos adultos é de longo prazo. “Se antes a garotada tinha orgulho ao desenhar o pai com um arpão, hoje a expressão é de defesa e ternura em relação a esses mamíferos”, conta Fernan-

do von Zuben, diretor de meio ambiente da Tetra Pak, patrocinadora do projeto.

Em paralelo, cientistas desenvolvem técnica inovadora para o futuro monitoramento dos peixes-boi soltos na natureza, mediante GPS. Apoiada pela Amazonas Energia, a iniciativa permite acompanhá-los à distância, com uso de boias que captam os sinais emitidos por eles ao longo dos rios.

Só depois de toda a logística pronta e testada será possível finalmente devolvê-los ao habitat de origem, o que deverá ocorrer em 2016. Além dos que aguardam por esse momento no CPPMA, há outros 54 animais nos tanques do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa).

Lá, pesquisadores preservam células-tronco de peixes-boi, com o objetivo de garantir a continuidade da espécie no futuro. Assim, o trabalho de resgate e retorno dos animais aos rios terá mais chances de sucesso – para a sorte do Andirazinho, que chegou recém-nascido ao cativeiro, salvo pelo professor de uma comunidade que o alimentou por mamadeira. Ao seu lado está o Castanho, em recuperação após ferimento por flecha, e a Bumbá, que viveu amarrada à cerca de uma casa ribeirinha. Todos comem diariamente fartas porções de frutas e capim aquático. E o atendimento inclui até tratamento com florais de Bach para a redução do estresse.



## Sopa de **letrinhas**

“No princípio, era o Verbo”, reza a Bíblia. Para algumas tradições religiosas, as palavras caem do céu, ao mesmo tempo que nos fazem tão humanos, pois foi pela comunicação por sinais que chegamos à civilização.

Pela tradição judaica, o mundo foi criado com 22 letras que constituem o alfabeto hebraico, formando uma espécie de sopa de letrinhas, compara o rabino Nilton Bonder, um estudioso da Cabala. “O universo foi criado pela palavra, pelo texto. As moléculas são letras. Assim como uma tabela periódica, é o alfabeto de substâncias que faz a vida”, explica. Segundo ele, 22 são os tijolos essenciais de tudo o que existe. “É um número extremamente privilegiado nesse olhar contemplativo e místico que a Cabala provoca. Se fosse fazer alguma simbologia com esta publicação, o 22 quer dizer algo que se propõe a falar sobre 'o tudo'.”

De certa forma, é a que nos propomos em PÁGINA22: tratar dessa matéria global pela lente da sustentabilidade, abarcando toda e qualquer relação de vida que se dá no mundo. Nesse imenso caldo, tudo é passível de virar uma história. – por **Amália Safatle e Magali Cabral**



Que a fome  
seja só de  
**SABER.**

**Saiba como estamos ajudando a alimentar a crescente população mundial.**

A Monsanto trabalha todos os dias para promover a agricultura responsável, com produtos e tecnologias que facilitam o acesso a refeições balanceadas e ajudam a preservar o meio ambiente.

Quer um exemplo? Hoje a água já é um recurso raro e precioso, e a Monsanto desenvolveu sementes resistentes à seca. São soluções como essa que fazem comunidades rurais prosperarem, enfrentando o desafio das mudanças climáticas.

Participe dessa conversa em [descubra.monsanto.com.br](http://descubra.monsanto.com.br).

MONSANTO



# Programa Brasileiro GHG Protocol



INICIATIVA GVCES

## SAVE THE DATE

## EVENTO ANUAL DO PROGRAMA BRASILEIRO GHG PROTOCOL

No evento serão apresentados os resultados dos inventários de emissão de gases de efeito estufa (GEE) das organizações membro do Programa Brasileiro GHG Protocol, no ano de 2014.

Acesse [www.ghgprotocolbrasil.com.br](http://www.ghgprotocolbrasil.com.br) para mais informações!



**11.ago**

Das 10h às 13h



**Teatro Vivo**

Av. Dr. Chucri  
Zaidan, 860  
(próximo à estação  
Morumbi da CPTM)

Vagas limitadas!

A programação  
completa será  
divulgada em breve.

Realização



Apoio

